

Escola da Palavra

Forania Fátima

ESTUDOS DOS
EVANGELHOS
SINÓTICOS:



Marcos, Mateus e Lucas

POLOS

Paróquia São Francisco - Nações
Paróquia Santa Rita - Jd. Cumbica



1ª AULA

Evangelhos Sinóticos e Teoria das Fontes

Há muitas maneiras de interpretar o NT. Enquanto há pessoas que utilizam os ensinamentos do NT para fundamentar, para sustentar suas crenças, há também estudiosos que buscam interpretá-lo como uma obra de literatura, como fonte de pesquisa para descrever os 'mitos' religiosos que eles julgam encontrar ali. Temos também aqueles que, a partir das histórias ali contidas, querem inculcar determinados valores e delinear uma forma adequada de viver. Vamos ao concreto, situando essa história num lugar específico, geográfico.

A Judeia, e nela, a Palestina.

A Encarnação da segunda Pessoa da Trindade ocorre em um lugar pouco valorizado. A província do Império que era a Palestina.

A Palestina, incrustada na Judeia, região onde foram escritos os livros do NT, nos séculos I e II era dominada pelos romanos. Calcula-se o tamanho em torno de 25 mil quilômetros, sendo limitada no lado oeste pelo Mar Mediterrâneo e no lado leste pelo rio Jordão.

Desde 64 a.C. – a região fazia parte do Império Romano. Conquistada pelo general Pompeu. Lembram como os hebreus chamavam a Palestina? Canaã, Terra Prometida.

O Senhor não nasceu em uma época qualquer, mas no período de uma Roma dominadora. Roma era considerada a capital do mundo.

Segundo dados da BBC News, no ano de 2021, a população cristã nos territórios palestinos é de cerca de 50 mil pessoas (apenas 1%), distribuídas nas cidades de Belém, Ramallah e Jerusalém, além dos residentes na Faixa de Gaza. Do total, 48% pertencem à Igreja Ortodoxa Grega, 38% à Igreja Católica e o restante a Igrejas Protestantes, Presbiterianas e Ortodoxas de outros ritos (Síria e Armênia).

A Palestina

No tempo de Jesus aconteciam três grandes festas: a Páscoa, que comemorava a passagem do povo pelo deserto, saindo da escravidão no Egito para a libertação; a festa de Pentecostes, que comemorava a renovação da Aliança de Deus com seu povo escolhido no Monte Sinai; e a Festa das Tendas, que fazia lembrança dos antepassados quando da fuga do Egito.

O judaísmo, nos primeiros séculos, não se resumia a uma única tradição ou conjunto de crenças, mas continha muitas divisões diferentes. Vamos destacar duas delas. Como integrantes do grupo dos judeus temos os saduceus, os mais rigorosos na exigência da lei e das escrituras e no cumprimento dos rituais e integravam a classe dos sacerdotes. Por serem ferrenhos defensores do AT, faziam forte oposição em relação à tradição oral e ao conceito de vida eterna. Outro grupo muito presente no NT eram os fariseus, que eram mais liberais em sua aceitação da escritura, sobre tradição oral e os ensinamentos dos profetas.

A influência desses grupos interferia na manutenção de uma hierarquia social que se sustentava assim:

- no templo temos os sumos sacerdotes, considerados puros, santos, e mais perto de Deus do que qualquer outra pessoa;
- em seguida a esse grupo temos os judeus de nascimento;
- os convertidos ao judaísmo;
- por último, os gentios, onde eram incluídos todos aqueles que não eram judeus.

Se os primeiros, por estarem mais perto de Deus, eram considerados os puros, estes, os últimos, são os impuros. Com o surgimento do cristianismo, veremos nos relatos do NT uma mudança nesta hierarquia, pois o grau de pureza não deve ser validado pelo nascimento no povo escolhido por Deus, os israelitas, mas o grau de pureza deve ser definido pelo arrependimento e pela aceitação dos ensinamentos de Jesus.

Uma coisa é certa entre todos os estudiosos, jamais saberemos todos os detalhes sobre como os 27 livros foram escritos, conservados, selecionados e reunidos; um fato, porém, é indiscutível: reunidos como o NT, eles têm sido o instrumento mais importante para colocar milhões de pessoas, de diferentes tempos e lugares, em contato com Jesus de Nazaré e com os primeiros fiéis que o anunciaram e deram testemunho de sua vida e obras. Isso nos tira um peso de querermos contemplar, nesse livro, todas as nuances em que foi escrito, porém não nos tira a responsabilidade de sermos verdadeiros no pouco que conseguirmos desenvolver nessas poucas páginas.

Lugares que Jesus passou

A Galileia, onde está Caná. Também temos a região de Nazaré, que fica a 140km de Jerusalém. Conhecida pelo Mar da Galileia ou Tiberíades ou Genesaré. Tem um povo de costumes religiosos menos rigoroso. A região servia de passagem para os comerciantes irem para Damasco.

A Samaria, é uma região de povos misturados e de diferentes origens. Porém, eles se consideravam autênticos judeus. Eles negavam a importância religiosa de Jerusalém. Os judeus, os consideravam como um povo herege.

A Judeia é a região onde fica Jerusalém. Tem grande importância porque é o lugar onde fica o Templo. É uma região deserta e de extrema pobreza. Não é um lugar estratégico para comercio, mas tem um povo muito crente e fiel.

QUESTÃO SINÓTICA

Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas formam o grupo dos Sinóticos.

Por que essa denominação? Sinótico deriva do grego *sol* e *opsis*. Os sinóticos apresentam uma visão comum em relação à vida de Jesus. Mas, apesar da grande semelhança pela qual esses Evangelhos são caracterizados, eles também revelam diferenças muito marcantes. Este acordo notável, por um lado, manifesta essas diferenças, por outro, constitui um dos mais difíceis problemas literários do NT.

A questão é se podemos explicar a origem desses Evangelhos, de tal modo que podemos explicar a proximidade das semelhanças e também das diferenças.

Vamos lá! No plano geral dos sinóticos, apenas Mateus e Lucas narram a infância de Jesus. Já a história do ministério público de Jesus segue a mesma ordem em todos os sinóticos. Vamos elencar alguns episódios comuns:

- O encontro com João Batista e o batismo.
- A tentação.
- O retorno para a Galileia e a pregação nas suas aldeias e cidades.
- A viagem a Jerusalém e a entrada na Cidade Santa.
- A pregação, a paixão, morte e a ressurreição.

Quanto às diferenças mais marcantes no arranjo dos resultados materiais da narrativa de uma longa série de eventos relacionados com o ministério de Jesus, que é peculiar a Mateus e Marcos, Mt 14, 22; 16, 12; em Mc 6, 45; 8, 26; e também de uma série de eventos relacionados com a viagem a Jerusalém que é encontrada somente em Lucas 9, 51 e 18, 14.

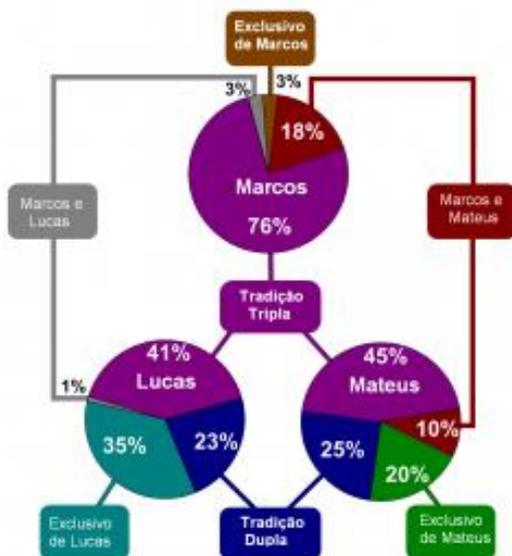
Como o evangelho de Marcos, cronologicamente, foi o primeiro a ser redigido, vamos recorrer a ele para identificar suas peculiaridades e suas coincidências em relação a Mateus e Lucas, ficando assim disposto:

- Marcos tem sete peculiaridades e 93 coincidências.
- Mateus tem 42 peculiaridades e 58 coincidências.
- Lucas tem 59 peculiaridades e 41 coincidências.

Essas considerações trazem consigo uma gama de teorias com o objetivo de explicar a composição dos Evangelhos. Para cada teoria, temos a crítica. Para cada grupo de estudiosos defensores de uma teoria, temos outro grupo de estudiosos que podem recusar ou podem levantar críticas para determinada teoria. Ou seja, não há, até o momento, uma unanimidade. Vamos rapidamente elencar essas teorias e também apresentar as críticas mais evidentes.

Há a teoria da dependência mútua, que indica uma dependência de um evangelho para o outro. Já a tradição oral leva em conta o que se falava a respeito de Jesus, dos apóstolos como primeiro estágio que se supõe, para num segundo momento servir de base para os primeiros escritos. Outra teoria aponta que houve um Evangelho primitivo, que serviu de base para “consulta” dos autores.

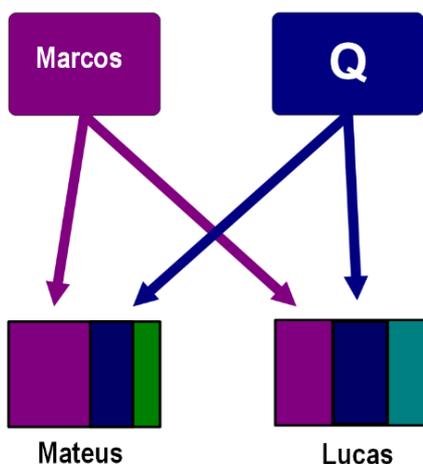
Relação entre os Evangelhos Sinóticos



A teoria mais utilizada atualmente é a teoria das duas fontes. Esta teoria aponta a existência de pelo menos dois documentos primitivos, e reconhece a utilização de um Evangelho na composição dos outros. Para a dupla tradição, que é comum a Mateus e Lucas, esses autores utilizaram uma segunda fonte, que por falta de conhecimento definido sobre esta fonte, é simplesmente chamada Q (Quelle).

As diferenças entre Mateus e Lucas na matéria da tradição dupla encontram sua explicação no pressuposto de que, enquanto Mateus chamou diretamente de Q, Lucas deriva da matéria correspondente da fonte Q e de outras fontes, ou de um evangelho primitivo baseado na fonte Quelle. Assim, a teoria dupla fonte pressupõe a existência de uma vasta literatura pré-canônica.

Hipótese das duas fontes



O que foi estudado nos ensinou muitas coisas sobre a origem destes Evangelhos, mas provou ser insuficiente para levar a uma solução final para o problema. O que pode nos ajudar é olhar para alguns documentos que atestam essa relação entre os evangelhos sinóticos.

2ª AULA

Evangelho de Marcos: Introdução e estrutura

O primeiro passo para análise de qualquer livro do NT é lê-lo por inteiro vagarosamente. Uma leitura cuidadosa deve preceder toda especulação sobre o livro. Isso é particularmente importante para os Evangelhos, pois na maioria das vezes estamos familiarizados com eles.

Datação: Entre 60 – 75, mais provavelmente entre 68 e 73.

Autoria

Segundo a atribuição tradicional, séc. II: Marcos, seguido e intérprete de Pedro, normalmente identificado como João Marcos, (em Atos 15, 36-41), cuja mãe tinha uma casa em Jerusalém (At 12,12). Ele acompanhou Paulo e Barnabé na “primeira viagem missionária” (At 13, 5), e pode ter colaborado com Pedro e Paulo em Roma, (como intérprete e ajudante) nos anos 60 (2Tm 4,11). Alguns dos que rejeitam essa atribuição, acredita que o autor possa ser qualquer outro cristão desconhecido com o nome de Marcos.

Deduzido do conteúdo: Alguém que falava grego, não foi testemunha ocular do ministério de Jesus e fez afirmações inexatas da geografia Palestinense. Serviu-se de tradições pré-moldadas sobre Jesus (orais e provavelmente escritas) e se dirigiu pessoalmente a uma comunidade que aparentemente sofreu perseguição e foi malsucedida.

Ambiente implícito: tradicionalmente em Roma(onde os cristãos foram perseguidos por Nero). Outras propostas: Síria, Norte da Transjordânia, Decápole e Galileia.

Unidade: não há nenhum motivo importante para pensar em mais de um autor; uns poucos apelam para diversas redações a fim de explicar as diferenças no uso diverso que Mateus e Lucas fazem de Marcos.

Integridade: Provavelmente Marcos terminou 16,18. Os manuscritos acrescentaram finais secundários, recontando as aparições de Jesus Ressuscitado. O “final mais longo” (16,9-20) é considerado o mais das vezes o canônico. Foi acrescido no séc. II

Divisão

O Evangelho segundo Marcos divide-se em **duas partes complementares:**

Na primeira parte (1,2-8,26), Marcos como todos Evangelistas, relata o início das atividades de Jesus com a proclamação de João Batista. A seguir, a primeira metade do Evangelho descreve um ministério de anúncio e de poderosos feitos (curas, multiplicação dos pães, acalmção de tempestades), bem como o ensino na Galileia e seus arredores. Embora desperte muito interesse, Jesus luta contra demônios, contra divergências (da parte de sua família e mais significamente, da parte dos doze que ele escolheu para que permanecessem consigo) e contra hostil rejeição (dos fariseus e dos escribas).

Primeira parte: Ministério de cura e de anúncio na Galileia

- 1,1-3,6 = Apresentação feita por João Batista; dia inaugural; controvérsias em Cafarnaum.
- 1,1-15 = Introdução de Marcos
- 1,21-38 = Início do Ministério de Jesus
- 1,39-45 = A expansão da atividade de Jesus
- 2,1-3,6 = Controvérsias em Cafarnaum
- 3,7-6,6 = Jesus escolhe os doze e educa-os como discípulos por meio de parábolas e ações portentosas; divergências entre seus parentes de Nazaré.
- 3,7-12 = Resumo da seção anterior
- 3,13-19 = Jesus admoesta os doze
- 3,20-35 = Objeções e familiares de Jesus
- 4,1-34 = As Parábolas
- 4,35-5,43 = A fé no processo morte x vida
- 6,1-6 = Jesus volta a Nazaré

- 6,7-8,26 = Missão dos doze; saciação dos 5 mil homens, caminhada sobre a água , controvérsia; saciação dos 4 mil; mal-entendido.
- 6,7-7,29 = Missão dos doze e Herodes
- 6,30-52 = Primeira multiplicação dos Pães/Jesus caminha sobre as águas
- 7,1-23 = Controvérsias sobre as tradições farisaicas
- 7,24-30 = Cura da filha da mulher siro-fenícia
- 8,1-9 = Segunda multiplicação dos pães / Saciação dos quatro mil
- 8,10-21 = A não aceitação e a incompreensão sobre Jesus
- 8,22-26 = Cura do cego

Segunda parte: (8,27-16,8 + 16,9-20) Jesus indica uma mudança de tom ao predizer claramente três vezes seu destino. A terceira é feita a caminho de Jerusalém, onde tudo se cumprirá. Observa-se uma mudança no paradigma narrativo nessa segunda metade, pois relativamente poucos atos de poder (milagres) acontecem, como Jesus reconhece que milagres não conduziram seus discípulos ao entendimento. As multidões apreciam suas atividades em Jerusalém, mas o chefe dos sacerdotes e os escribas odeiam-nas. Por fim, eles armam um plano para matá-lo e, com a cooperação de Judas, conseguem prendê-lo depois de Jesus comer a ceia pascal com seus discípulos. Jesus é então, conduzido ao sumo sacerdote e ao governador romano, e condenado a ser crucificado. Depois da morte de Jesus, um centurião romano reconhece a identidade daquele como Filho de Deus. No terceiro dia depois disso, o túmulo no qual Jesus foi sepultado é encontrado vazio, e um jovem (anjo) proclama que Cristo ressuscitou e será visto na Galileia.

Segunda parte: Sofrimento predito; morte em Jerusalém; ressurreição

- 8,27-10,52 = Três predições da Paixão; confissão de Pedro; a transfiguração; ensinamento de Jesus.

- 8,27-30 = Confissão de Pedro / 1ª Predição da Paixão
- 9,2-13 = Transfiguração
- 9,14-29 = O menino endemoniado
- 9,30-32 = 2ª Predição da Paixão
- 9,36-50 = Advertências de Jesus aos apóstolos
- 10,1-10,27 = Ensinamentos de Jesus
- 10,32-34 = 3ª Predição da Paixão
- 10,46-52 = Trajetória para Jerusalém /Cura do cego
-
- 11,1-13,37 = Ministério de Jesus em Jerusalém; entrada; ações no templo e oposição; discurso escatológico.
- 11,1-11 = Entrada de Jesus em Jerusalém
- 11,12-25 = A figueira amaldiçoada
- 11,27-33 = Purificação do Templo
- 12,1-12 = Parábola dos Vinhateiros
- 12,13-17 = Impostos à Cesar
- 12,28-34 = Maior dos Mandamentos
- 12,35-37 = A oferta da viúva
- 13,1-37 = Discurso Escatológico
-
- 14,1-16,18 = Unção; última ceia; paixão; crucifixão, sepultamento, tumulo vazio.
- 14,1-11 = traição de Judas / Unção de Jesus
- 14,12-16 = Preparação para Páscoa
- 14,17-25 = Última Ceia
- 14,26-52 = Getsêmani
- 14,53-15,1 = Condenação de Jesus / Negação de Pedro
- 15,2-20ª = Jesus é entregue para ser crucificado
- 15,20b-47 = Crucifixão/morte/sepultamento
- 16,1-8 = Tumulo Vazio
- 16,9-20 = Um final que descreve as aparições do Ressuscitado, acrescentado por um copista posterior.
- 16,9-20 = Aparições do *Ressuscitado*

Introdução

O livro de Marcos é caracterizado com um simples começo, acompanhado o roteiro de Jesus pela Palestina, vamos encontrar Jesus saindo da Galileia (1,9) para ser batizado por João e, após a prisão deste, retornando para a Galileia (1,14), onde dá início a suas atividades até chegar o momento do conflito com os sacerdotes e os anciãos de Jerusalém (10,1).

No final do Evangelho, após sua ressurreição Jesus dá uma missão as mulheres: de anunciar a ressurreição e onde o ressuscitado encontrará com seus apóstolos (Galileia), onde tudo começou.

Desse modo o evangelista nos ensina que aquilo que Jesus iniciou, são os discípulos que devem dar continuidade, a fim de trazer o Reino de Deus para dentro da humanidade e da história até que Ele se realize em sua plenitude.

(1,1) “Começo da Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Filho de Deus”

O primeiro versículo do Evangelho de Marcos, além de nos mostrar todo assunto a ser desenvolvido, é próprio *título* do livro.

Boa Notícia

Marcos é o único evangelista a dizer que seu escrito é Boa Notícia = Evangelho, por isso é com ele que em primeira mão vamos saber o que significa Evangelho, isto é, qual é essa Boa Notícia. Ao invés de narrar o que Jesus fez, conta um milagre ou uma ação de Jesus, assim, Marcos quer mostrar que o grande ensinamento de Jesus é sua prática e que sua palavra está sempre acompanhada por sua ação.

É vendo, entendendo e seguindo a prática de Jesus, que se aprende e se transmite a Boa Notícia. Além de ser uma nova forma de relato sobre Jesus, o Evangelho traz a Boa Notícia de Deus aos homens que se faz presente em Jesus cujo nome significa *Deus salva*. Desse modo, o anúncio de Deus para os homens tem sua consistência não em verdades abstratas, fora da história, mas na prática de uma pessoa concreta que viveu na Palestina: Jesus de Nazaré.

Jesus o Messias

Desde a muito tempo, o povo de Israel esperava alguém que os conduzisse a liberdade. O Messias, a Palavra Cristo é justamente a tradução da palavra grega Messias e que significa Ungido (de Deus). Quando Jesus apareceu os judeus tinham muitas ideias a respeito de quem seria, como viria e qual seria a missão *desse Messias*. Porém havia também aqueles que não acreditavam em sua vinda. Marcos não somente afirma que Jesus é o Messias, mas também esclarece por que ele é, ao mesmo tempo que mostra que a prática de Jesus entra em conflito com aquilo que muitos esperavam, gerando controvérsias, decepções de uns, alegria e esperança em outros.

Jesus, o Filho de Deus

Ao confessar que Jesus é o Filho de Deus, Marcos quer nos levar a encontrar Deus no homem Jesus, desmascarando assim, outros “homens divinos” e suas práticas. Naquele tempo do império romano concentrava elogios a César como “homem divino”, cujo a subida, ao poder era celebrada como boa notícia, pois o imperador não era considerado homem comum. Onde suas ordens eram tidas como mensagens alegres e seus mandamentos como escritos sagrados, portanto, ao proclamar Jesus como Filho de Deus, Marcos está dando a Boa Notícia, como um desafio à organização imperial dos romanos.

O anúncio da chegada do Messias (1,2-8)

Após o título, o Evangelho de Marcos se abre com uma citação do profeta Isaias, na verdade essa citação é composta de dois textos proféticos (Ml 3,1 e Is 40,3) e relembra outro Ex 23,20.

Preparando o caminho para o Messias

A primeira parte da citação: *“Eis que eu envio o meu mensageiro na tua frente, para prepara o teu caminho”* é retirada de Ml 3,1 com uma pequena modificação: ao invés de “caminho à minha frente”, Marcos diz “teu caminho”. Essa pequena modificação é para mostrar que o verdadeiro caminho do Messias é o mesmo caminho de Deus

Por outro lado este, texto nos recorda outro encontrado no livro do Êxodo: “Vou enviar um anjo na frente de você, para que ele cuide de você no caminho e o leve ao lugar que eu preparei para você” (Ex23,20). Assim o caminho que o Messias vai percorrer é o caminho da libertação, em direção à uma nova terra, para formar uma nova sociedade.

Portanto. Ao citar Malaquias com essa pequena modificação, Marcos nos mostra que um mensageiro vai preparar o caminho do verdadeiro Messias que é o mesmo caminho de Deus, que se mostrará na prática que é o mesmo caminho da libertação do povo.

Caminho anunciado no deserto

A segunda parte da citação: *“Esta é a voz daquele que grita no deserto: preparem o caminho do Senhor, endireitem suas veredas”* é tirada do livro do profeta Isaias que diz: “Uma voz grita: abram no deserto um caminho para o Senhor; na região da terra seca aplainem uma estrada para o nosso Deus” (Is 40,3). Aqui Marcos faz uma pequena modificação “a vos que grita *está no deserto*”.

O deserto no Evangelho de Marcos vai ter muita importância, por isso é necessário estarmos atentos a esta palavra. Por enquanto, podemos dizer que o deserto é uma *“alternativa”* ao Templo. De fato, Malaquias na continuação do texto citado diz que “o Senhor que vocês procuram vai chegar a seu Templo, o mensageiro da Aliança que vocês desejam”, porém Marcos fala que o mensageiro grita no deserto e não no Templo. Como o Templo era além do centro religioso, econômico e político, podemos dizer que o caminho de Deus se realiza à margem do centro, longe dos poderes dominantes.

O mensageiro (1,4-8)

“E foi assim que João Batista apareceu no deserto... João se vestia com uma pele de camelo, usava cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre” (1,4-6). Assim somos conduzidos não ao Templo que era o lugar do encontro com Deus, mas ao deserto para encontrarmos com o mensageiro João Batista, que por suas vestimentas nos lembra o profeta Elias (conf.2ºReis 1,8).

No tempo de Jesus se dizia que a era dos profetas havia terminado, porém Marcos afirma que está presente um novo profeta, que é semelhante a Elias, mais tarde Jesus dirá

que João Batista é o próprio Elias, de quem os doutores da lei anunciavam o retorno antes da vinda do Messias (cf.9,11-13). Portanto, ir ao deserto ao encontro de João Batista é preparar-se para o caminho do Messias através da profecia, tendo como modelo Elias. Assim com Elias denunciou e se opôs as injustiças do poder político, a presença de João Batista é, portanto, o retorno da voz profética contra o poder que domina e explora.

O que ele anuncia?

João Batista anuncia duas coisas:

O batismo de conversão para o perdão dos pecados (1,7) e a chegada de alguém mais forte, que trará o Espírito Santo (1,8). As pessoas que acorrem a João Batista para serem batizadas, são pessoas que estão dispostas a se converter seguindo o caminho de Deus que o Messias indicará. É a disponibilidade para receber a Boa Notícia, a fim de estar aberto ao perdão de Deus.

Ao anunciar a vinda de alguém mais forte, João Batista reconhece que não é ele o Messias esperado e sim um servidor dele.” Eu não sou digno de me abaixar para desamarrar as suas sandálias” (1,7). Ao dizer que o Messias é mais forte, indica que haverá luta e conflito com as forças poderosas.

O batismo com o Espírito Santo (1,8), indica que o Messias concederá aos que o seguem uma capacidade de discernimento entre o caminho de Deus e o que não é, e ao mesmo tempo, dará a força necessária para combater os poderes que o próprio Messias vai enfrentar.

Quem é o Messias? (1,9-13)

O nome do Messias é Jesus

Não são apenas os moradores da Judeia e de Jerusalém que vão ao encontro de João para serem batizados, no meio da multidão aparece um novo personagem vindo de outro lugar: “Nesses dias, Jesus chegou de Nazaré da Galileia, e foi batizado no rio Jordão” (1,9).

Jesus era um nome comum para aquela época, e para o sobrenome como de costume usava-se dizer “filho de”. Marcos não fala da genealogia de Jesus, tentando provar que ele é de origem nobre, ao contrário, sua origem é um lugar desconhecido e, ao mesmo tempo de fama não muito boa, Nazaré era uma aldeia perdida no Norte, sem importância nenhuma. A Galileia era conhecida sim como um dos lugares mais impuros da terra prometida, pois muitos pagãos e ignorantes da Lei ali viviam. Por isso os galileus eram desprezados.

Contudo, esse homem vindo dessa cidade mal afamada e obscura, já traz em seu nome a missão que vai exercer, pois Jesus significa *Deus Salva*.

Jesus é o Filho de Deus

“Logo que Jesus saiu da água, viu o céu se rasgando, e o Espírito, como pomba, desceu sobre ele. E do céu veio uma voz: ‘Tu és o meu Filho amado; em ti encontro o meu agrado’”(1,10-11). A manifestação do novo, é descrita pelo evangelista através de um rasgão do céu e de uma voz que de lá veio.

O céu rasgou – Marcos diz que Jesus realiza outra profecia que manifesta o desejo do profeta Isaias que era: “estamos como outrora, quando ainda não governavas, quando teu nome nunca fora invocado. *Quem dera rasgasses o céu para descer*” (Is 63,19). Agora o desejo acontece, o céu se rasga para que Deus esteja presente entre os homens. No homem Jesus, reaviva-se para os oprimidos a experiência de Deus agindo na história para libertá-los.

A presença do Espírito em Jesus indica a presença do divino no homem de Nazaré, Ele se torna conatural com Deus, de modo que sua prática significará a própria ação de Deus no meio dos homens.

Uma voz veio do céu

É através dessa voz que Jesus é identificado como “Filho amado de Deus”. Aqui mais uma vez as Sagradas Escrituras nos ajudam a entender o texto de Marcos: a voz vinda do céu nos faz lembrar duas passagens do Antigo Testamento: o salmo 2,7 e Isaias 42,1.

O salmo diz: “Você é meu filho, eu hoje o gerei”, como o salmo que trata sobre a realeza e sobre o Messias, aqui no Evangelho indica que Jesus é o Filho de Deus e rei.

Isaias diz: “Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu prazer. Eu coloquei sobre ele o meu espírito, para que promova o direito entre as nações”, portanto Marcos, já confessa a sua fé: Jesus é o Messias, o Filho de Deus que reinará sobre os homens. No entanto, esse rei é o servo escolhido por Deus Pai, a serviço da justiça (cf. 10,42-45). O batismo não é apenas um exemplo da humanidade de Jesus, mas a revelação de que ele é o Messias esperado, o filho de Deus presente no mundo que rompe com os esquemas de uma sociedade injusta.

A tentação de Jesus

Marcos diz que Jesus foi tentado, porém não diz qual é a tentação, e só no decorrer do Evangelho é que vamos perceber que não se trata de uma tentação apenas e sim de várias, que aconteceram ao decorrer de sua vida.

“Em seguida, o Espírito impeliu Jesus para o deserto. E Jesus ficou no deserto durante quarenta dias, e aí foi tentado por satanás, Jesus vivia entre os animais selvagens, e os anjos o serviam” (1,12-13). Embora não se diga quais as tentações que Jesus sofreu, já podemos perceber por este texto inicial a raiz dessas tentações.

Como já vimos o deserto está intimamente ligado com a libertação do Egito e o distanciamento das instancias do poder opressor. Agora Marcos nos diz que “Jesus ficou no deserto durante quarenta dias, reforçando ainda mais a ligação com o êxodo, pois os hebreus permaneceram no deserto durante quarenta anos (cf. Ex 16,35). Foi no deserto que Moisés teve a experiência do Deus libertador (ex3) e recebe os Mandamento, que seriam a base da sociedade que Deus quer (Ex 20), portanto a raiz da tentação de Jesus se encontra em ter que discernir entre a vida e a morte, liberdade ou opressão, entre a vontade do Pai que liberta e o poder que oprime. Jesus se encontra nessa tensão de um lado o Espírito que o impele, os anjos que o servem, do outro lado, Satanás, que o tenta e os animais selvagens, em outras palavras: servir a Deus Pai ou a Satanás. Assim a prática de Jesus vai dizer como Ele venceu a tentação e como foi fiel ao projeto do Pai até o fim.

3ª AULA

Evangelho de Marcos – II Parte

INÍCIO DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE JESUS

A comunidade de Marcos enfrentou a perseguição do Império Romano e a hostilidade de comunidades judaicas. Mas, também confrontou uma visão triunfalista de messias, mostrando que Jesus plenamente humano é "o Messias, o Filho de Deus". Este evangelho tem caráter catequético e quer levar o leitor a responder a pergunta principal: "Quem é Jesus?", propondo um caminho (itinerário) para fazer do leitor um verdadeiro discípulo de Jesus. Depois de apresentar Jesus como o verdadeiro Messias, que é a certeza da presença de Deus em meio aos homens, e depois de mostrar que Ele terá de enfrentar poderosas forças para ser fiel ao projeto de Pai, Marcos traz as breves palavras com as quais Jesus anuncia seu programa.

O Evangelho segundo Marcos foi o primeiro a ser escrito, por volta do ano 70 d.C. No passado ele foi considerado um resumo do Evangelho de Mateus e, por isso, foi colocado depois deste. Após muita pesquisa, percebeu-se que Marcos era mais antigo e influenciou os outros evangelhos (Mateus e Lucas). Marcos foi escrito por uma comunidade com forte presença de galileus, gregos, romanos e outros estrangeiros. Antigamente se falava que ele foi escrito em Roma, mas hoje cremos que ele foi escrito no norte da Galileia. Atribui-se a autoria deste evangelho a João Marcos (At 12) que foi amigo de Barnabé, Paulo e Pedro.

São 16 capítulos que convidam a vivenciar a intimidade com Jesus. Como numa viagem, partindo da Galileia para a Judeia, tendo ponto de partida, a parada e o ponto final. Para se entender e para uma melhor leitura, este evangelho pode ser dividido em 5 partes:

- 1) Preparação do caminho (ponto de partida): 1,1-14;
- 2) Ministério de Jesus na Galileia (caminhando com Jesus): 1,14–7,23;
- 3) Viagens de Jesus fora da Galileia (parada para permanecer com o Mestre): 7,24–10,52;
- 4) O ministério de Jesus em Jerusalém (lutando com Jesus): 11,1–13,37;
- 5) A paixão e ressurreição (ponto final - escrever na vida): 14,1–16,20.

Na 1ª parte temos o ponto de partida que se dá na Galileia: "Início do Evangelho de Jesus, o messias, Filho de Deus" (1,1) e este é um resumo de todo o Evangelho, mostrando que este livro é só o começo do Evangelho que deve terminar de ser escrito com nossa própria vida. Jesus é apresentado como aquele que pregará a Boa Notícia e implantará o Reino de Deus.

Na 2ª parte, Jesus inicia seu ministério e os discípulos começam a caminhar animados. São realizados muitos milagres, que são como que amostras grátis do Reino de Deus. No entanto, logo surgem curvas e pedras no caminho (conflitos) e Jesus é acusado por escribas e fariseus. Jesus coloca a vida acima da lei e, apesar das vitórias, os discípulos desanimam e não entendem quem é Jesus. Depois que João Batista foi preso por Herodes, que como os chefes religiosos de Israel, temia a popularidade de João e a contestação que ele fazia do sistema opressor sob o qual o povo vivia. Após a prisão, Jesus retorna à Galileia, pregando a Boa Notícia de Deus: "O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-

se e acreditem na Boa Notícia “(1,14-15). Porém este é um território predominantemente gentílico. Então, Jesus desenvolve seu ministério, com o mesmo anúncio de João Batista, da proximidade do Reino e da conversão à justiça.

Marcos, bem como Mateus e Lucas, narram o chamado dos primeiros discípulos às margens do Mar da Galileia. O evangelho de João narra este chamado já na ocasião do batismo de Jesus, quando alguns discípulos de João Batista se dispõem a seguir Jesus. O chamado, narrado em estilo sumário, na realidade se fez em um clima de diálogo e conhecimento mútuo.

Assim como Jesus abandonou sua rotina de vida em Nazaré, também seus discípulos abandonam seu antigo sistema de vida, não para fugirem do mundo, mas para iniciarem uma nova prática social alternativa, de justiça e paz.

Segundo a narração de Marcos (1, 16-29) e de Mateus (4, 18-22), o cenário da vocação dos primeiros Apóstolos é o lago da Galileia. Jesus acabara de iniciar a pregação do Reino de Deus, quando o seu olhar se pousou sobre dois pares de irmãos: Simão e André, Tiago e João.

São pescadores, empenhados no seu trabalho quotidiano. Lançam as redes, consertam-nas.

Mas outra pesca os aguarda. Jesus chama-os com decisão e eles seguem-no imediatamente: agora serão “pescadores de homens” (cf. Mc 1, 17; Mt 4, 19). Lucas, ainda que siga a mesma tradição, faz uma narração mais elaborada (5, 1-11). Ele mostra o caminho de fé dos primeiros discípulos, esclarecendo que o convite para o seguimento lhes chega depois de terem ouvido a primeira pregação de Jesus e experimentam os primeiros sinais prodigiosos por ele realizados, que em particular, a pesca milagrosa constitui o contexto imediato e oferece o símbolo da missão de pescadores de homens, que lhes foi confiada. O destino destes “chamados”, de agora para o futuro, estará intimamente ligado ao de Jesus. O apóstolo é um enviado, mas, ainda antes, um “perito” em Jesus.

Precisamente este é o aspecto realçado pelo evangelista João desde o primeiro encontro de Jesus com os futuros Apóstolos. Em Marcos o cenário é diferente. Assim como Jesus. Os futuros discípulos também são, provenientes da Galileia para viver a experiência do baptismo administrado por João, teve que se esclarecer como é o mundo espiritual. Eram homens na expectativa do Reino de Deus, desejosos de conhecer o Messias, cuja vinda estava anunciada como iminente.

Marcos quer deixar claro para os novos discípulos de que, é suficiente a orientação de João Batista que indica, Jesus é o Cordeiro de Deus (cf. Jo 1, 36), para que surja neles o desejo de um encontro pessoal com o Mestre. As frases do diálogo de Jesus com os primeiros dois futuros Apóstolos são muito expressivas. À pergunta: “Que procurais?” E eles respondem com outra pergunta: “Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?” A resposta de Jesus é um convite: “Vinde e vereis” (cf. Jo 1, 38-39). Vinde para poder ver. A aventura dos Apóstolos começa assim, como um encontro de pessoas que se abrem reciprocamente. Começa para os discípulos um conhecimento direto do Mestre. Veem onde mora e começam a conhecê-lo. De fato, eles teriam o dever ser anunciadores não de uma ideia, mas testemunhas de uma pessoa.

Antes de serem enviados a evangelizar, deverão “estar” com Jesus (cf. Mc 3, 14), estabelecendo com ele um relacionamento pessoal. Sobre esta base, percebemos que a

evangelização não será mais do que um anúncio daquilo que foi experimentado, mas um convite a entrar no mistério da comunhão com Cristo (cf. 1 Jo 13).

A quem serão enviados os Apóstolos? No Evangelho parece que Jesus limita a sua missão unicamente a Israel:

“Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15, 24).

De modo análogo parece que ele circunscreve a missão confiada aos Doze: “Jesus enviou estes Doze, depois de lhes ter dado as seguintes instruções: “Não sigais pelo caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. Ide, primeiramente, às ovelhas perdidas da casa de Israel”” (Mt 10, 5s.).

Uma certa crítica moderna de inspiração racionalista tinha visto nestas expressões a falta de uma consciência universalista do Nazareno. Na realidade, elas devem ser compreendidas à luz da sua relação especial com Israel, comunidade da aliança, em continuidade com a história da salvação. Segundo a expectativa messiânica as promessas divinas, imediatamente dirigidas a Israel, ter-se-iam concretizado quando o próprio Deus, através do seu Eleito, reunisse o seu povo, como faz um pastor com o rebanho: “Eu virei em socorro das minhas ovelhas, para que elas não mais sejam saqueadas... Estabelecerei sobre elas um único pastor, que as apascentará, o meu servo David; será ele que as levará a pastar e lhes servirá de pastor. Eu, o Senhor, serei o seu Deus, e o meu servo David será um príncipe no meio delas” (Ez 34, 22-24). Jesus é o pastor escatológico, que reúne as ovelhas perdidas da casa de Israel e vai à procura delas, porque as conhece e ama (cf. Lc 15, 4-7 e Mt 18, 12-14; cf. também a figura do bom pastor em Jo 10, 11ss.). Através desta “reunião” o Reino de Deus é anunciado a todas as nações: “Manifestarei a minha glória entre as nações, e todas me verão executar a minha justiça e aplicar a minha mão sobre eles” (Ez 39, 21). E Jesus segue precisamente este caminho profético. O primeiro passo é a “reunião” do povo de Israel, para que assim todas as nações, chamadas a reunirem-se na comunhão com o Senhor, possam ver e crer. Então os Doze, chamados a participar da mesma missão de Jesus, cooperam com o Pastor dos últimos tempos, indo também eles, mas deveriam em primeiro lugar, ir até às ovelhas perdidas da casa de Israel, isto é, dirigindo-se ao povo da promessa, cuja reunião é o sinal de salvação para todos os povos, dando o início da universalização da Aliança. Porém estavam longe de contradizer a abertura universalista da ação messiânica do Nazareno, a inicial limitação a Israel da sua missão e da dos Doze torna-se assim o seu sinal profético mais eficaz. Depois da paixão e da ressurreição de Cristo este sinal será esclarecido: o carácter universal da missão dos Apóstolos tornar-se-á mais explícito. Cristo enviará os Apóstolos “a todo o mundo” (Mc 16, 15), a “todas as nações” (Mt 28, 19); (Lc 24, 47), “até aos extremos confins da terra” (At 1, 8). E esta missão continua. Continua sempre o mandato do Senhor de reunir os povos na unidade do seu amor. Esta é a nossa esperança e este é também o nosso mandato: contribuir para esta universalidade, para esta verdadeira unidade na riqueza das culturas, em comunhão com o nosso verdadeiro Senhor Jesus Cristo.

4ª AULA

Evangelho de Marcos – III Parte

A TEOLOGIA DO EVANGELHO DE MARCOS

Por Carlos Cunha

Desde o início do século XX, a teoria do “Segredo messiânico” colocava a leitura dos evangelhos, e particularmente a de Marcos, no terreno da teologia. A valorização da perspectiva teológica dos Sinóticos favorece o Evangelho de Marcos como uma fonte singular que transmite uma mensagem, retomando e trabalhando as tradições.

Marcos, como fonte, oferece instrumentos para o estudo sobre a vida e a mensagem de Jesus Cristo. Nele podemos estudar a maneira como apresenta Jesus, como concebe o Reino, a vida de discípulo, a missão cristã etc. Na elaboração de uma teologia do NT, vem a ser tão indispensável quanto Mateus e Lucas.

Mesmo apresentando desordens cronológicas e topográficas, Marcos supera um mero historicismo sobre a vida do Mestre. O seu enfoque consiste em refletir sobre a pertinência teológica da vida histórica de Jesus e seu ministério. O seu evangelho é uma prédica em que os atos e os ditos de Jesus compõem o tema fundamental para os seguidores do Filho do Homem.

O “evangelho”, como forma literária, criado por Marcos, permite o entrelaçamento de temas “biográficos” e querigmáticos com a pretensão de transmitir ao leitor a relevância do evento Cristo, e lembrar aos cristãos de que sua salvação depende desse ato realizado uma vez por todas por Jesus. Marcos vinculou inextricavelmente a fé cristã à realidade de acontecimentos históricos. A estruturação querigmática proposta por Marcos dá ao leitor a compreensão dos acontecimentos salvíficos e prepara-o para recitar esses eventos em sua própria evangelização.

Por isso, para uma devida apropriação do conteúdo marcano, a leitura do evangelho precisa ser global. O conjunto do texto mostra a convergência dos elementos que apontam para o reconhecimento de Jesus, proclamação do Reino e o convite a uma vida cristã. É preciso estar atento à correlação destes elementos. É a partir desses três eixos: reconhecimento de Jesus como Filho de Deus; proclamação do Reino de Deus; e o convite a uma vida de seguimento a Jesus, que a teologia de Marcos emerge com relevância para a contemporaneidade. Vejamos:

JESUS CRISTO, O FILHO DE DEUS

O evangelho de Marcos proclama que Jesus é a revelação definitiva de Deus. É a epifania de Deus no homem Jesus. Em seu Filho eterno, Deus se integra na história da humanidade. Os vários títulos dados a Jesus mostram, sem a pretensão de esgotar, indícios da sua natureza e missão: Jesus Cristo, Filho de Deus (1, 1), Filho amado (1, 11), Santo de Deus (1, 24), Filho de Deus (3, 11), Jesus, filho do Deus altíssimo (5, 7), Cristo (8, 29), Filho amado (9, 7), o Messias, o Filho do Deus Bendito (14, 61), Filho do Homem (14, 62), Filho de Deus (15, 39). O singelo mestre chegado da Galileia (1, 9) é o Cristo, o Messias a quem desde

séculos antigos esperava o povo de Israel (8, 29; 9, 41; 14, 61-62). O evangelista anuncia a presença de Jesus no mundo como o sinal imediato da vinda do Reino de Deus (1, 14-15; 4, 1-34).

Marcos faz questão de deixar transparecer também a identificação de Jesus com as vicissitudes humanas. Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, é também o Filho do Homem. Ele participa dos sentimentos humanos e é sujeito ao sofrimento e à morte (8, 31). O Jesus de Marcos atinge o leitor pelo realismo de sua vida humana. Ele provoca no ouvinte-leitor uma reflexão ativa.

Não é sem motivos que Marcos dá destaque aos discípulos como “privilegiados e perplexos” (*Guelich*). Privilegiados por pertencerem ao Reino de Deus e perplexos por apresentarem reversos diante do sofrimento. Os seus discípulos, principalmente os Doze, aparecem com destaque em Marcos e servem como exemplo para os destinatários de Marcos. No entanto, os Doze não são modelos a serem imitados: o seu fracasso evidente é especialmente proeminente em Marcos.

O evangelista não oculta esta informação. Marcos descreve os discípulos como duros de coração (6, 52), espiritualmente fracos (14, 32-42) e incrivelmente obtusos (8, 14-21).

O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

Marcos dá atenção especial ao “Reino de Deus” (*Basileia toutheou*). No Evangelho de Marcos, a expressão grega designa a realeza, a dignidade real, e pode tanto qualificar a grandeza que é um reino, quanto o poder exercido ativamente. Conviria escolher em cada contexto o sentido mais possível.

Marcos cria correlações entre o Reino de Deus, o seu evangelho e o ministério de Jesus Cristo. O tema surge como elemento-chave para clarear as relações com:

O Evangelho: Reino de Deus e Evangelho estão ligados na estrutura do texto proposto por Marcos. O Reino traz nova dimensão à existência humana: desvenda uma nova vida, premente para hoje e para o futuro. Atua na história, enquanto a lei de iminência não permite especular sobre a data de seu estabelecimento definitivo (9, 1; 13, 30-32).

Jesus Cristo: a pregação de Jesus segundo Marcos centraliza-se na iminência do Reino. Aos discípulos revela o segredo deste Reino (4, 11); nele só se entra ouvindo a revelação do Filho do Homem (9; 10); por fim, é a visão do Filho do Homem que é esperada (13). Jesus conduz ao Reino, o Reino conduz a Jesus.

SEGUIR A JESUS

“Evangelho” em Marcos é a Boa-Nova da salvação trazida por Cristo e pregada pelos apóstolos. Portanto, o termo pertence ao vocabulário da missão cristã.

Utilizado três vezes no prólogo e introdução, ele orienta a leitura do livro (1, 1-14- 15). Está intrinsecamente ligado a Jesus, que dele é o objeto, mas também o sujeito ativamente presente em sua pregação. O seguimento a Jesus se faz na proclamação do Evangelho de Deus, isto é, a plenitude dos tempos e a iminência do Reino de Deus, e provocar, assim, a conversão e a fé. Marcos remonta ao princípio da pregação do evangelho ou ao princípio que a fundamenta.

O termo “evangelho”, que Marcos introduz sem explicação, como algo conhecido de seus leitores, traduz bem sua preocupação missionária. Permite unir e integrar diferentes elementos constitutivos no seu texto: ministério histórico de Jesus, presença do Ressuscitado entre os seus, missão da Igreja.

Marcos explora muito o itinerário de Jesus. A vida de andarilho revela a vocação missionária, desprotegida, desapegada, livre para consagrar-se ao anúncio do Reino. A transformação de vida que Jesus exige ao proclamar a Boa-Nova do Reino concretiza-se numa vida de fé. O plural “crede” interpela uma comunidade de crentes. O texto indica que o caminho da fé lhe é difícil. Ao dizer “convertei-vos e crede no evangelho” (1, 15), Marcos elabora uma mensagem de conforto e incentivo dirigida a uma comunidade que vive um período de crise. Tal mensagem de ânimo esbarra nas limitações dos discípulos que respondem com a prece do pai do menino endemoninhado: “Eu creio! Mas ajuda a minha incredulidade!” (9, 24). Viver na fé é seguir Jesus por áridos caminhos. Itinerário obscuro que, paradoxalmente, ilumina as dimensões profundas do relacionamento que o evangelho instaura entre o crente e Jesus, Filho de Deus.

5ª AULA

Evangelho de Mateus: Autor, tradição judaica, data, composição literária

Dos Sinóticos, Mateus foi o evangelho mais citado pelos primeiros escritores eclesiásticos e os Pais da Igreja. Isto se deu ao fato desse evangelho ser o que dedicou maior espaço aos ensinamentos de Jesus. A tradição cristã o considerou como o “Evangelho Eclesial”, isto é, aquele a partir do qual se elaborou a doutrina da Igreja, o novo povo de Deus, com o propósito de instruir o fiel acerca de Jesus Cristo.

É o Evangelho mais valorizado em toda a tradição da Igreja; se tornando objeto de numerosos estudos e comentários; dentre os santos padres: Orígenes, João Crisóstomo, Cirilo de Alexandria, Hilário de Poitiers, Jerônimo, Agostinho são alguns dos Pais que dedicaram esforços no estudo de Mateus.

AUTORIA

Todos os escritos do Novo Testamento foram conservados desde sua origem em língua grega. Isto também vale para o Evangelho segundo São Mateus.

Há uma antiquíssima tradição que afirma que Mateus escreveu em hebraico: “Mateus ordenou em língua hebraica os dizeres e cada um interpretou segundo sua capacidade” (Papias de Hierápolis século II).

Mateus, entre os hebreus, editou um evangelho na língua deles, enquanto Pedro e Paulo evangelizavam Roma e fundavam a Igreja (Santo Irineu, fim do século II).

A teologia tradicional identificou o evangelista Mateus com o apóstolo Levi de quem fala o evangelho. O nome de Mateus, que significa “Dom de Deus” ou “Deus dado”, em grego “*Theodoro*”, é mencionado em todas as listas de apóstolos do Segundo Testamento (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15; At 1,13).

A tradição sinótica cita a vocação de Levi, um “publicano” ou coletor do imposto romano (Mc 2,13-14; Lc 5,27-28). Marcos menciona Mateus como “filho de Alfeu” e conta que ele recebeu Jesus em sua casa (Mc 2,15), mas o primeiro evangelho designa-o como Mateus (9,9).

Sua pátria teria sido Cafarnaum, segundo o relato evangélico. Embora fosse pouco comum usar dois nomes semíticos, falou-se a seguir de Levi Mateus como se fez com Simão Pedro.

São Jerônimo (Sec. IV) afirma: “Mateus, que também se chamava Levi...escreveu um Evangelho de Cristo com letras e palavras hebraicas, destinado aos judeus que creram. Não é suficientemente certo que alguém o traduziu depois ao grego. O texto hebraico está atualmente na biblioteca de Cesareia...os nazarenos que usam este volume em Beréia da síria me permitiram examiná-lo” (De viris illustribus,3).

A maioria dos autores modernos sustentam que este evangelho foi escrito em Antioquia em uma comunidade de origem judeu-cristã. Esta cidade tem uma importante colônia judaica, marcada pelo helenismo. Mas há que se considerar várias fases do processo redacional.

O chamamento do apóstolo com o nome de Mateus aparece apenas neste evangelho, em 9,9. no paralelo de Mc 2,13 a pessoa em causa chama-se Levi, filho de Alfeu (ver também Lc 6,27).

Papias

Este pai apostólico, que foi discípulo do apóstolo João ou do presbítero João, identificou este evangelho como de Mateus, apóstolo do Senhor: "Mateus compôs sua história [a respeito de Jesus] em dialeto hebraico e cada um traduzia segundo a sua capacidade" (Papias - História Eclesiástica de Eusébio).

Irineu

O bispo de Lyon, na França, declarou o seguinte a respeito deste evangelho e seu autor: "Mateus, de fato, produziu seu evangelho escrito entre os hebreus no dialeto deles..." (Irineu - História Eclesiástica de Eusébio).

Orígenes

Declara a autoria deste Evangelho a Mateus, conferindo-lhe natureza autoritária:

"Segundo aprendi com a tradição a respeito dos quatro evangelhos, que são os únicos inquestionáveis em toda Igreja de Deus em todo o mundo. O primeiro é escrito de acordo com Mateus, o mesmo que fora publicano, mas depois apóstolo de Jesus Cristo, o qual, tendo-o publicado para os convertidos judeus o escreveu em hebraico" (Orígenes - História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia).

O bispo de Cesaréia, que herdou a formação teológica de Orígenes, aceita o testemunho antigo e aprova a autoria de Mateus neste evangelho: "...de todos os discípulos, Mateus e João são os únicos que nos deixaram comentários escritos e, mesmo eles, foram forçados a isso. Mateus tendo primeiro proclamado o evangelho em hebraico, quando estava para ir também às outras nações, colocou-o por escrito em sua língua natal e assim, por meio de seus escritos, supriu a necessidade de sua presença entre eles." (Eusébio - História Eclesiástica).

Alguns estudiosos acreditam que a passagem em referência ao "publicano" (Mt 10,3) é um sinal do autor deste livro sagrado. Mateus, um cobrador de impostos, teria assim se chamado como sinal de sua humildade uma vez que sua profissão - um publicano - era muito odiada naqueles dias, por ser sinônimo de fraude, corrupção, ganância, exploração e subserviência ao império dominador.

A citação ao discipulado de Mateus pode ser uma outra evidência textual deste evangelho. Mt 9,9 menciona de forma bastante discreta o fato de que Mateus, ao ser chamado por Jesus, levantou-se e passou a segui-lo. A referência paralela deste chamado em Lucas 5,28 traz este episódio de forma mais adornada, dizendo que Mateus "deixou tudo" ao assim fazer.

Outra evidência textual pode ser a lista dos apóstolos. Supõe-se que Mateus, propositalmente, pôs seu nome após o de Tomé (Mt 10,3), ao passo que em outras listas o seu nome aparece antes do de Tomé (conforme Mc 3,18 e Lc 6,15).

Mateus e a tradição judaica

A leitura do Evangelho de Mateus permite constatar a onipresença das tradições herdadas do judaísmo.

O enraizamento veterotestamentário do primeiro evangelho é, a esse respeito, muito significativo.

A abundância de citações de cumprimento (1,23; 2,15.17.23; 4,14; 8,17) que salpicam a narração é uma prova manifesta do interesse marcante do evangelista por suas raízes judaicas.

Há também no Evangelho Segundo Mateus uma constante preocupação com a questão do status e do lugar da Lei (cf 5,17-20), juntamente com a da prática da justiça (cf 3,15; 5,6.10.20).

Para o autor do evangelho há um elo estreito entre Jesus, de quem ele dá testemunho, e a tradição religiosa de que é oriundo: Jesus é o Messias anunciado pela Torá e pelos profetas, que Mateus relê através do prisma da fé pascal.

Em contraponto com o que acaba de ser dito, tem fundamento também, sustentar que Mateus é igualmente um polemista virulento contra os representantes oficiais do judaísmo:

a) Numerosas controvérsias de Jesus com as autoridades judaicas e com os fariseus (9,9-17; 9,34; 12,1-14; 12,22-32)

b) A utilização polemica de certas passagens do Antigo Testamento (13,14-15; 15,8-9; 23,38)

c) certas tradições próprias de Mateus, no relato da Paixão, que reforçam a culpabilidade de Israel na morte de Jesus (27,3-10 e 28,77-15).

Data da composição e destinatários

A data de sua composição deve ser fixada em torno do ano 80, quando já a Igreja se separou do judaísmo e está em polêmica com ele.

Existem alguns indícios de que os cristãos A QUEM SE DIRIGE Mateus sejam de origem judaica:

Mt 5,23-24 é o único dos Evangelhos que reproduz este dito do Senhor: “Se ao apresentar tua oferta diante do altar...” Se supõe que os destinatários do Evangelho continuam praticando estes ritos do templo.

Quando fala das sinagogas dos judeus, sempre e em todos os casos diz: “as sinagogas deles” (4,23; 9,35; 10,17; 12,9; 13,54; 23,34). Dando a entender que existem outras sinagogas (isto é, “as nossas”). Isso mostra que os destinatários do evangelho se reuniam em sinagogas.

Deduz-se, portanto, que os destinatários aos que se dirige Mateus seja uma comunidade de maioria judeu-cristã, que viveu na Síria, no último quarto do primeiro século.

Esta comunidade tem sua origem nas comunidades palestinas e hierosolimitas antes dos anos 70, compostas de judeus que reconhecerem em Jesus o Messias de Israel. Por isso é para Israel que esses discípulos se sentem, antes de tudo, enviados, encarregados por Deus de convidá-lo a reconhecer seu Messias.

O traumatismo causado pelo fracasso dessa migração foi agravado pela perseguição, da parte da sinagoga e pela migração do grupo para a Síria, depois da destruição do Templo de Jerusalém no ano 70.

A comunidade de Mateus foi constituída por maioria de judeu-cristãos, mas separada do judaísmo e em polêmica com ele: Só neste contexto explicam-se textos como Mt 21,43 e Mt 27,24-25; Mateus, portanto, é um Evangelho da comunidade cristã cuja maioria veio do judaísmo, com relevante presença de judeu-helenistas que também acolhe fiéis provindos do paganismo; A comunidade estava separada do judaísmo e em aberto conflito com ele.

Outro dado que se pode constatar no que diz respeito à data da composição e a autoria é que se Mateus depende de Marcos, e se Marcos escreve o seu evangelho pelo ano 70, Mateus só poderia ter conhecido o evangelho de Marcos entre os anos de 70 e 80 e ter escrito o seu próprio evangelho depois dos anos 80, que parece ser muito tarde para um autor que tenha sido apóstolo de Jesus.

Composição Literária

Este Evangelho adquiriu prestígio muito cedo, não somente por causa de seus méritos intrínsecos, mas porque ele tem o nome de um apóstolo (9,9 e 10,3).

Mas, uma vez que o autor do texto final em grego parece ter copiado todo o Evangelho segundo Marcos com certas modificações, é comum hoje em dia pensar que é improvável que esta obra, em sua forma atual, seja a obra de uma testemunha ocular. Por que uma testemunha ocular necessitaria copiar de outro autor que não o foi?

É melhor compreender o evangelho na forma em que o temos como uma obra de síntese amadurecida, combinando o evangelho mais antigo de Marcos, com uma coleção antiga dos ditos de Jesus (fonte Quelle – Q).

O que diz a Teoria das Duas Fontes? Mc é o evangelho mais antigo e o criador do gênero literário “Evangelho”. Este texto serviu de referência para Mt e Lc. Contudo, Lc e Mt possuem material comum, inexistente em Mc. Onde provém? Os estudiosos convencionaram chamar de Fonte Q (do alemão, “Quelle”) a outra fonte comum a Mt e Lc. Seria um escrito contendo sobretudo uma coleção de palavras, os (lógia = ditos) de Jesus.

O evangelho de Mateus compreende 1048 versículos. No contexto da teoria das duas fontes, Mateus utiliza o evangelho de Marcos, a fonte dos logia (Q) e tradições que lhe são próprias.

Dos 661 versículos de Marcos, ele toma 523, ou seja, 80% (o que constitui quase a metade do evangelho de Mateus). Os textos são reproduzidos fielmente, porém não na mesma ordem.

A fonte Q se encontra essencialmente nos treze primeiros capítulos do evangelho de Mateus (o sermão da montanha e grande parte dos capítulos 1-12 e nos capítulos 23-25).

Ao lado de Marcos e de Q, o evangelho de Mateus comporta certo número de passagens que lhes são específicas. Pode se tratar de tradições utilizadas por Mateus ou de sua própria atividade redacional.

O escriba inspirado

Fala-se as vezes, de estilo midráshico para evocar o trabalho de Mateus na composição de seu evangelho. Midrash está ligado ao Antigo Testamento (método de interpretação e comentário do texto bíblico, de carácter homilético) e constitui um qualificado redutor para explicar o trabalho do evangelista.

A expressão intérprete criativo talvez seja mais exata. Mateus adapta e aplica suas fontes, criando palavras de Jesus, com a finalidade de elucidar, para sua comunidade, uma ou outra tradição sobre Jesus.

Fala-se também da compreensão que tem Mateus de seu papel de autor como o de um escriba inspirado à maneira da literatura judaica do segundo Templo. Para Mateus o ideal do escriba se inspira talvez na noção do escriba tal como se desenvolveu nos escritos pós exílicos do AT, literatura apocalíptica e escritos de Qunran, a saber: prática da sabedoria, dom as compreensões das parábolas e dos mistérios, noção de autoridade e da verdadeira justiça, interpretação da Lei e dos profetas.

Essa consciência profética de escritores inspirados implica uma capacidade de criar e de transmitir, da parte de Deus, novas palavras de sabedoria (para Mateus estas palavras são as do escriba ideal, a saber, o próprio Jesus).

No pensamento do evangelista, o escriba cristão se assemelha a um proprietário bem provido. Porque o seu ensinamento repousa não somente na revelação feita aos pais por Moisés e os profetas, mas também na que Deus concedeu aos homens por seu Filho, que os instruiu a respeito dos mistérios de seu Reino.

Mateus se compreendia como um escriba inspirado, capaz de tirar de seu tesouro o velho (as tradições fielmente transmitidas) e o novo (a adaptação das tradições recebidas, bem como a criação de novas tradições correspondentes a uma nova situação na fidelidade ao Mestre) ver Mt 13,52.

6ª AULA

Evangelho de Mateus: Jesus na Galileia (caps. 4,12–13,58); Jesus, o Messias (caps. 14–20); Jesus em Jerusalém (caps. 21–25).

JESUS NA GALILEIA

O objetivo deste Estudo é ajudá-lo a se familiarizar com o ministério e as palavras de Jesus Cristo, auxiliando a fortalecer seu testemunho a respeito do Salvador do mundo, o Messias prometido proclamado por todos os santos profetas. A grande luz na pregação de Jesus, conforme Mateus.

Ao ouvir que João havia sido preso, ele voltou a Galileia e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, à beira-mar, nos confins de Zabulon e Neftali, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaias: “Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região além do Jordão, Galileia das nações! O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz; aos que jaziam na região sombria da morte brilhou uma luz”. A partir desse momento, começou Jesus a pregar, e a dizer: “Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus”.

Os fatos narrados por Mateus (4,12-17), ocorreram não muito tempo depois do batismo de Jesus. Ele quer fazer notar que Jesus começou sua pregação em Cafarnaum, nas terras das tribos israelitas de Zabulon e Neftali, onde, segundo a profecia de Isaias, surgiria a “grande luz” (Is 8,23.9,21), esta mesma luz que hoje sabemos realmente ter vindo para iluminar não apenas a Galileia ou Israel, mas também todas as nações da terra.

Neste capítulo, no versículo 19-22, Jesus convida os filhos Jonas, os encaminhando para serem “pescadores de homens”, mas eles mal o conheciam, no mínimo devem ter-se indagado o significado do convite que receberam através de palavras tão enigmáticas. Apesar disso, eles não puderam resistir ao fascínio que Jesus causava, e” imediatamente deixaram as redes e o seguiram”

Jesus veio para lançar na terra a Boa Notícia da Salvação, mostrando que Jesus é “a luz do mundo”, a qual não mais se apagou e nunca se apagará. Ele mesmo disse: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12), a luz que aperfeiçoou a Lei e os profetas (Mt 5,17) e que, entregue aos cuidados da sua Igreja, permite que “as forças do mal não poderão vencê-la” (Mt 16,18).

Por isso, desde então Jesus passou a conclamar os que o ouviam a converter-se “porque o Reino dos Céus está próximo”, se fundamentando no “Evangelho do Reino”. E esse Reino, embora não compreendido a princípio, pois todos esperavam por um domínio político e militar, estava próximo não apenas temporalmente, mas também espacialmente. Jesus Cristo passou a pregar por todo lado, começando “por toda a Galiléia, ensinando em suas sinagogas”, e depois estendendo seus ensinamentos a Samaria, a Judéia, a Jerusalém, falando e falando em todo e qualquer lugar, a qualquer hora, nas praças, nas ruas, nas estradas, nas montanhas, no lago e até no Templo de Jerusalém.

JESUS O MESSIAS (14-20)

Mateus escreve para os convertidos do judaísmo, pois se preocupou em demonstrar a estreita ligação da pessoa e da vida de Jesus com passagens do Antigo Testamento, mostrando-lhes assim que aquele Nazareno era o Messias anunciado pelas escrituras, por isso sempre aguardado por seus antepassados e esperado para aqueles tempos por seus contemporâneos.

Em Mateus 14, percebe-se que de acordo com as escrituras Herodes Antipas era tetrarca da Palestina no período de 4 a.C. a 39 d.C., ou seja, governou um quarto da Palestina mais Galileia e Beria, sucedendo seu pai Herodes, o Grande, que dividiu o reino entre seus muitos filhos. Diante disso, quando Jesus começa a sua missão, Herodes, temendo ser a reencarnação de João Batista, pois o havia decapitado, por causa do adultério que cometia com Herodias a esposa de seu irmão e para satisfazer os seus caprichos cometeu grande barbárie. Isso é onde inicia essa passagem. De acordo com o contexto e segundo os Evangelhos, quando Jesus soube que João Batista havia sido morto, retirou-se sozinho para um lugar em Betsaida. Além disso, multidões seguiam Jesus a pé das cidades da região e logo após o desembarque de Jesus, ele viu muitas pessoas presentes, teve pena delas e curou seus enfermos.

A característica marcante desse livro é mostrar que Jesus é o Messias enviado por Deus e ao contar sobre a vida, as palavras e os feitos de Jesus Cristo, Mateus frequentemente se refere às profecias do Velho Testamento e usa a frase “para que se cumprisse” (para exemplos, veja Mateus 4,14; 8,17; 13,35; 21,4).

Em seu evangelho, Mateus usou o termo “Filho de Davi” 12 vezes como um testemunho de que Jesus Cristo era o herdeiro legítimo do trono do rei Davi e do cumprimento de profecias messiânicas. A genealogia de Jesus Cristo registrada por Mateus traça Sua linhagem passando por Davi, Judá e Abraão (ver Mateus 1,1–3), demonstrando o direito de Jesus de governar e Seu papel no cumprimento das promessas de Deus a Israel.

Embora uma grande quantidade do material de Mateus seja encontrada em Marcos e Lucas, cerca de 40 por cento do evangelho de Mateus é único. O tema principal em Mateus é de que Jesus Cristo veio estabelecer Seu reino na Terra. Mateus mencionou “o reino dos céus” inúmeras vezes e ele é o único autor dos evangelhos a incluir ensinamentos de Jesus que mencionam a “igreja” (ver Mateus 16,18; 18,17).

O evangelho de Mateus também nos ajuda a ver paralelos entre o ministério de Moisés e o de Jesus Cristo. Por exemplo, enquanto criancinhas, os dois foram salvos de uma tentativa do rei de matá-los (ver Êxodo 2,1–10; Mateus 2,13–18), os dois saíram do Egito e revelaram a lei de Deus em um monte (ver Êxodo 19–20; Mateus 5–7) e ambos vieram para resgatar seu povo.

JESUS EM JERUSALEM (19-25)

O Salvador ensina sobre a natureza eterna do casamento. Ele entra em Jerusalém e purifica o templo. Por meio de parábolas, Jesus expõe as más intenções dos líderes judeus que se opõem a Ele. Os doutores da Lei querem olhar Jesus a partir de uma autoridade humana. “E Jesus pergunta: ‘O batismo de João é de autoridade humana ou divina?’. E eles não responderam para não se comprometer. Jesus então diz: ‘Quando vocês me

responderem, eu também responderei de onde vem a minha autoridade” (cf. Mateus 21, 25-26).

Jesus Cristo fala sobre a destruição de Jerusalém e lamenta a sua futura destruição. Ele ensina como seus seguidores podem estar preparados para a Sua segunda vinda. Mateus mostra que o Senhor Jesus tem toda a autoridade sobre a nossa vida, a autoridade que o Céu Lhe concedeu e vem do Pai, mas precisamos aceitar, pois quando nos deixamos guiar pela autoridade de Jesus, Ele conduz os nossos passos, porém quando nos fechamos na rebeldia, quando queremos seguir nossas tendências humanas, como quiseram fazer tantos doutores da Lei, tantos anciãos, fariseus e homens daquela época, ficamos vulneráveis aos nossos desejos e anseios humanos.

7ª AULA

Evangelho de Lucas: Introdução; Os escritos lucanos; Prologo 1,1-4

EVANGELISTA E OS SINAIS

São Mateus é simbolizado por um homem;
São Marcos, por um leão;
São Lucas, por um touro;
São João, por uma águia.

Mateus é corretamente simbolizado pelo homem porque ele inicia com a geração humana; Marcos é corretamente simbolizado pelo leão, porque inicia com o clamor no deserto; Lucas é bem simbolizado pelo bezerro/touro, porque começa com o sacrifício; João é simbolizado adequadamente pela águia, porque começa com a divindade do Verbo, dizendo: 'No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus' (Jo 1, 1), e assim tem em vista a substância divina, fixando o olhar no sol à maneira de uma águia."

Quem foi São Lucas

Médico amado (Col 4,14);
1º Historiador da Igreja (Lc 1,3-4);
Cooperador de São Paulo (Fm 1,24);
Companheiro de Missão de São Paulo (2Tm, 4-11);

De origem pagã, porém conhecedor do judaísmo – o único escritor do Novo Testamento que não era judeu;

Não foi apóstolo e nem testemunha ocular de Jesus – suas fontes para escrever foram pessoas que “viram desde o princípio” (Lc,1-2) o ministério mortal e a Ressurreição do Salvador.

Sobre sua obra: Evangelho e Atos dos Apóstolos

O mais longo dos Evangelhos e de todo o Novo Testamento;

Vocabulário grego rebuscado e elegante, uso de termos e descrições médicas que somente quem estudou poderia usar;

Destinada para os pagãos: Jesus apresentado como Salvador de todos, não somente dos judeus;

Dentre os quatro Evangelhos, Lucas é o que apresenta o relato mais completo da vida de Jesus Cristo (com Atos é 20% do NT).

Sobre sua obra: Evangelho e Atos dos Apóstolos

Ao “Excelentíssimo Teófilo” (Lc1,3): amigo/amado de Deus (possibilidade para todos), população pagã, com relato sistemático do ministério e da missão do Salvador;

Descreve, com riqueza de detalhes: o ministério terreno de Jesus, como ele nasceu, cresceu, libertou os oprimidos, formou os seus discípulos, morreu pendurado em uma cruz e ressuscitou dos mortos;

Algumas das histórias mais bem conhecidas do Cristianismo são exclusivas do evangelho de Lucas: nascimento de João Batista (Lc 1,5-25); a narrativa tradicional do Natal (Lc 2,1–20); infância de Jesus aos 12 anos no templo (Lc 2,41–52); parábola do bom samaritano (Lc 10,30–37); do filho pródigo (Lc 15,11–32); do homem rico e Lázaro (Lc 16,19–31); a história dos dez leprosos (Lc 17,11–19); o relato do Senhor ressuscitado caminhando com os discípulos na estrada para Emaús (Lc 24,13–32);

Em seu texto fica claro que ele escreveu para os pagãos. Por exemplo, ele apresenta a genealogia humana de Jesus, recuando-se até Adão (Lc 3,23-28) e não até Abraão, conforme fez Mateus (Mt 1,1-17);

Enquanto João trata da divindade daquele que é Homem, Lucas nos apresenta, de modo claro, a humanidade daquele que é Deus.

A Trindade envolvida na salvação da humanidade:

Vemos o controle de Deus Pai, enviando-nos o seu Filho Jesus Cristo para nos salvar (Lc 26, 10-21); Encontramos a ação do Espírito Santo atuando e capacitando o próprio Senhor Jesus na realização do seu ministério (Lc 4,14,18); Percebemos que o Senhor Jesus Cristo, de modo consciente, declarou plenamente essa missão (Lc 19,10);

Lucas divide a intervenção divina no projeto de salvação da humanidade em três etapas: o tempo do Antigo Testamento, que chega até os dias de João Batista; o tempo do Reino de Deus, ou o tempo de Jesus Cristo, incluindo toda a vida e ministério do Salvador; e o tempo da Igreja, a partir do cumprimento da promessa da vinda do Espírito Santo (Lc 16,16).

Universalidade da salvação, na abrangência da mensagem cristã. Jesus não é apenas o Messias dos judeus, mas o Salvador de todas as pessoas (Lc 2,32; 4,25-27; 24,46,47);

Promessa do Espírito Santo que viria para inaugurar uma nova etapa do relacionamento entre Deus e o Homem (Lc 24,49), que se concretizou em Atos 2,1-4; Lucas é o único escritor do evangelho que registra que o Salvador derramou seu sangue no Getsêmani e que um anjo o serviu (Lc 22, 43–44);

Uma vez que o evangelho de Lucas começa e termina no templo, ele também destaca a importância do templo como local principal dos tratados de Deus com a humanidade (Lc 1,9; 24,53);

A palavra “salvação” está ausente de Mateus e Marcos e corre uma só vez em João. Lucas, no entanto, emprega o referido termo duas vezes (e duas vezes mais em Atos), e empregou o verbo “salvar” mais frequentemente do que qualquer outro Evangelista;

Há alegria no início: “estou lhes trazendo boas novas de grande alegria”; há alegria no meio do relato (cap. 15); e há alegria no final quando os discípulos “voltaram para Jerusalém

com grande alegria”. Há tristeza e reveses suficientes, mas a alegria constantemente se intromete no curso dos acontecimentos.

No texto evangélico lucano, Jesus segue este itinerário:

- Introdução do evangelista (Lc 1,1-4);
- O parentesco humano do Filho do Homem (Lc 1,5; 2,52);
- O batismo, a genealogia e aprovação do Filho do Homem (Lc 3,1-4;13);
- O ministério do Filho do Homem na Galileia, no poder do Espírito Santo (Lc 4,14; 9,50);
- A viagem do Filho do Homem para Jerusalém, discipulando os doze (Lc 9,51; 19,27);
- A rejeição e a crucificação do Filho do Homem pelas autoridades e pelo povo (Lc 19, 28; 23, 56);
- A ressurreição e a ascensão do Filho do Homem (Lc 24,1-53).

O conteúdo do livro de Atos começa onde o Evangelho de Lucas termina: com o período pós-ressurreição e a ascensão de Jesus Cristo;

Atos reconta a ascensão e a disseminação do Cristianismo, começando em Jerusalém, a capital da província judaica, e terminando em Roma, a grande capital do Império;

O foco principal o ministério de Pedro (At 1, 12) e de Paulo (At 13, 28). Sem o livro de Atos, nosso conhecimento do início da história da Igreja seria limitado às poucas epístolas do Novo Testamento.

O texto dos Atos dos Apóstolos, segue este itinerário:

Atos 1–2: Jesus Cristo ministra aos discípulos por 40 dias depois de Sua Ressurreição e, então, ascende ao céu. Por inspiração, os apóstolos chamam Matias para ocupar a vaga no Quórum dos Doze Apóstolos. O Espírito Santo é derramado no dia de Pentecostes. Pedro testifica ousadamente do Salvador ressurreto e cerca de 3 mil pessoas são convertidas;

Atos 3–8: Pedro e João curam um homem que havia nascido coxo. Pedro e João são presos por pregar e curar em nome de Jesus Cristo e são libertados da prisão. Os apóstolos chamam sete homens para auxiliá-los no ministério; um desses homens, Estevão, testifica perante o conselho judeu e os membros do conselho o condenam à morte. Filipe prega em Samaria;

Atos 9–12: Saulo é convertido e inicia seu ministério. Ao ter uma visão, Pedro aprende que o evangelho deve ser pregado aos gentios. Herodes Agripa I condena o Apóstolo Tiago à morte (irmão de João) e prende Pedro;

Atos 13–15: Saulo e Barnabé são chamados como missionários. Eles encontram oposição dos judeus e são aceitos por alguns gentios. Os líderes da Igreja se reúnem em Jerusalém e determinam que os conversos gentios não precisam ser circuncidados (ou continuar a observar a lei de Moisés) quando eles se unem à Igreja. Paulo (como Saulo é chamado agora) parte em sua segunda viagem missionária, com Silas;

Atos 16–20 Paulo e Silas fortalecem várias igrejas que foram estabelecidas anteriormente. No Areópago, em Atenas, Paulo prega que “[somos] geração de Deus” (Atos

17,29). Paulo termina sua segunda missão e parte em uma terceira missão pela Ásia Menor. Paulo decide voltar para Jerusalém;

Atos 21–28: Em Jerusalém, Paulo é preso e continua a testificar de Jesus Cristo. O Senhor aparece novamente a Paulo. Muitos judeus planejam matar Paulo. Em Cesareia, ele testifica perante Félix, Festo e Agripa. Paulo naufraga a caminho de Roma. Paulo prega o evangelho enquanto está em prisão domiciliar em Roma.

8ª AULA

Evangelho de Lucas: Relatos do nascimento e infância

O papa emérito, Bento XVI, em sua obra intitulada Jesus de Nazaré, nos ajuda a compreender que:

Lucas 1 e 2 são formas de um gênero literário hebraico antigo designado “midraxé hagádico”, isto é, uma interpretação da Sagrada Escritura através de narrações.

Portanto, a narrativa da infância em Lucas não se situa num contexto do antigo judaísmo, mas no cristianismo primitivo.

“Resumindo, Mateus e Lucas - cada um à sua maneira - queriam não tanto narrar “histórias”, mas escrever história: uma história real, acontecida, embora certamente interpretada e compreendida com base na Palavra de Deus. Isso significa também que não havia a intenção de narrar de modo completo, mas de escrever aquilo que, à luz da Palavra e para a comunidade nascente da fé, se revelava importante. As narrativas da infância são história interpretada e, a partir da interpretação, escrita e condensada.”

“Entre a palavra interpretativa de Deus e a história interpretadora existe uma relação recíproca: a Palavra de Deus ensina que os eventos contêm “história da salvação”: que diz respeito a todos. Mas os próprios eventos desvendam, por sua vez, a Palavra de Deus e levam agora a reconhecer a realidade concreta que se esconde nos diversos textos...”

“Há de fato, no Antigo Testamento, palavras que ainda permanecem, por assim dizer, sem atribuição. Por exemplo, nesse contexto, Marius Reiser chama a atenção para Isaías 53. O texto podia aplicar-se a diversas pessoas - por exemplo, a Jeremias-, mas o verdadeiro protagonista dos textos ainda se faz esperar. Só quando Ele aparece é que a Palavra recebe o seu significado pleno. Veremos que algo de semelhante se pode dizer de Isaías 7,14. O versículo faz parte daquelas palavras que, de momento, ainda estão à espera da figura a que se referem...”

“A historiografia do cristianismo das origens consiste precisamente em atribuir o próprio protagonista a essas palavras ainda “à espera”. Foi a partir dessa correlação entre a Palavra “à espera” e o reconhecimento do seu protagonista finalmente aparecido que se desenvolveu a exegese tipicamente cristã, que é nova, permanecendo, ao mesmo tempo, totalmente fiel à Palavra originária da Escritura.”

Lc 1,5ss - Anúncio do nascimento de João Batista

- Grupo de Abias – Aarão: família sacerdotal, logo João Batista é sacerdote, que recebe missão profética.
- Justos – justiça para Lucas deve ser lido em perspectiva paulina. O Senhor lembra (ele)/ jura (a)
- Objeção: A esterilidade – não é castigo (Micol); figuras do antigo testamento socorridas por Deus (Sara, Rebeca, Raquel, Ana...)

Lc 1,5ss - Anúncio do nascimento de João Batista

- Suas funções sacerdotais – um novo sacerdócio será inaugurado por Cristo.
- Aparição do Anjo: aparição inesperada, susto, objeção, sinal/ anúncio da concepção, nascimento, nome e futuro do menino.
- Anjos são característicos em Lucas e em Atos: no mínimo 10 aparições pessoais.

- Os humilhados serão exaltados (Isabel)
Lc 1,26ss - Anúncio do nascimento de Jesus
- Estamos em Nazaré, lugar sem importância. Distante do templo, perto de Séforis, outra cidade importante.
- A Senhora Soberana/ Aquele que acrescenta.
- Aparição do Anjo.
- O trono de Davi: José é descendente de Davi. (Nobreza decadente)

Lc 1,26ss - Anúncio do nascimento de Jesus

- Bento XVI, em sua obra relata o contraste entre as duas manifestações a Zacarias e a Maria:

Ao mesmo tempo, porém, devemos ver a diferença entre o anúncio do nascimento de João Batista a Zacarias e o anúncio do nascimento de Jesus a Maria. Zacarias, o pai de João Batista, é sacerdote e recebe a

mensagem no Templo, durante a sua liturgia...

A proveniência de Maria não é mencionada. A Ela, o anjo Gabriel é enviado por Deus. Este entra na sua casa, em Nazaré: uma cidade desconhecida nas Sagradas Escrituras, numa casa que por certo devemos imaginar muito humilde e simples. O contraste entre os dois cenários não podia ser maior: de um lado, o sacerdote, o Templo, a liturgia; do outro lado, uma mulher jovem desconhecida, uma pequena cidade desconhecida, uma casa particular desconhecida.

O sinal da Nova Aliança é a humildade, a vida escondida: o sinal do grão de mostarda. O Filho de Deus vem na humildade. Os dois elementos andam juntos: a profunda continuidade na história da ação de Deus e a novidade do grão de mostarda escondido.

Lc 1,26ss - Anúncio do nascimento de Jesus

- Shalom/**Khair**/Ave: **Alegra-te**: Aqui se inicia de fato o Novo Testamento, a Boa Nova, a inclusão dos pagãos à mensagem da Fé!
- São sábias as palavras do Papa João Paulo II sobre o «kecharitomene»: «Para tornar mais exacto o sentido do termo grego, não se deveria dizer simplesmente “cheia de graça”, mas sim “feita cheia de graça” ou “plenificada de graça”, o que indicaria claramente que se trata de um dom feito por Deus à Virgem.

Lc 1,26ss - Anúncio do nascimento de Jesus

- Alegria e Graça (Khara e Kharis) andam sempre juntas.
- Estes são aspectos importantíssimos do Evangelho de Lucas, os quais espero que tenhamos recebido nesta aula de hoje um impulso para buscar, mais do que um livro de histórias e explicações morais, mas encontrar nas letras sagradas a Alegria e Graça de fazermos partes e sermos alcançados por esta História de Salvação.

“É uma situação convulsiva, tudo muda, a história fica de cabeça para baixo. É difícil pregar sobre essa passagem. E quando no Natal ou no dia da Anunciação professamos a fé para dizer este mistério, nos ajoelhamos. É o momento em que tudo muda, tudo, da raiz. Liturgicamente hoje é o dia da raiz. A Antífona de hoje e que marca é a raiz de Jesse, “da qual nascerá um broto”. Deus se abaixa, Deus entra na história e o faz com seu estilo original: uma surpresa. O Deus das surpresas nos surpreende (mais) uma vez.”

9ª aula

Evangelho de Lucas

O Evangelho de Lucas faz parte do grupo dos sinóticos e é o terceiro e mais longo dos quatro Evangelhos canônicos do NT. Este evangelho narra preferencialmente a vida de Jesus, com particular interesse em relação ao seu nascimento, ministério, morte e ressurreição, e termina com um relato da ascensão. O autor deste evangelho demonstra uma preocupação marcante com a ética social, com os pobres, com as mulheres e também com outros grupos oprimidos.

TEORIAS PARA AUTORIA, FONTE E TEMPO DE COMPOSIÇÃO

Em uma margem de erro de cinco a 10 anos, a composição para este livro é apontado o ano de 85, obra essa realizada por Lucas primeiramente, aquele que foi companheiro de Paulo em algumas viagens, mas também se aponta para um sírio de Antioquia como provável autor.

O que identifica a unidade, ou continuidade entre o Evangelho de Lucas e Atos, pode ser apontado para a utilização de “nós”. Temos algumas passagens com esse exemplo:

- Lc 16, 10-17.
- Lc 20, 5-15.
- Lc 21, 1-18.
- At 16, 10-17.

Outros argumentos vão aparecendo sobre a autoria do Evangelho e de Atos, mas não há consenso. O vocabulário de Lucas, por ser médico, provoca algumas dissonâncias entre os dois livros.

Outra problematização é levantada quanto à datação para o Evangelho de Lucas e de Atos. O que sabemos é que Atos não narra o martírio de Paulo.

Quando atentamos para o texto do livro, temos algumas características para identificar um autor: instruído, que fala grego, que conhece as escrituras nessa mesma língua, que testemunhou o grande evento – Jesus, que se utilizou de Marcos e da fonte Q para compor este livro.

Lucas é o mais grego dos autores do NT. Maneja com certa elegância a língua comum falada então; preocupa-se em ser compreendido pelos ouvintes pouco afeitos às tradições judaicas; o leitor ocidental moderno sente-se logo à vontade em sua companhia. A delicadeza de Lucas foi sempre realçada.

O Evangelho de Lucas provavelmente foi o último Evangelho dos Sinóticos a ser escrito. Já que o Evangelho precede Atos, se soubermos a data da escrita de Atos podemos determinar uma data para o Evangelho. O final que encontramos em Atos pode nos indicar o caminho para determinar uma data. Lucas encerra Atos com Paulo estando em Roma e esperando para apresentar seu caso diante do imperador romano. A melhor explicação para isso é que Atos estava terminado antes que o resultado do processo de Paulo fosse

conhecido. Isso colocaria os Atos no início dos anos 60, com o Evangelho de Lucas sendo escrito no final dos anos 50 ou início dos anos 70.

Outros fatores que suportam uma data precoce são a incerteza de onde o cristianismo se encaixa entre as religiões do Império Romano. Como assim?

O Evangelho e Atos não mencionam a destruição de Jerusalém e a incerteza das relações entre judeus e gentios no mesmo nível que nas epístolas de Paulo.

SINGULARIDADE

Entre os sinóticos, o Evangelho de Lucas é o único que apresenta uma sequência – Atos dos Apóstolos. Lucas também se destaca já no prólogo quando se utiliza de um exórdio, que é um dispositivo literário utilizado por outros escritores gregos, como Flavio Josefo, e com esse autor há uma aproximação na estrutura do texto.

Há seções em Atos que indicariam que o autor de Atos acompanhou Paulo em momentos distintos. Por isso Lucas é o único que se encaixaria neste molde de acordo com as epístolas de Paulo. O nome Lucas é mencionado apenas três vezes no NT:

- Col 4, 14: saúda-vos Lucas, o médico nosso amigo e Demas.
- 2 Tm 4, 11: Só Lucas está comigo.
- Fl 1, 24: como também Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores.

A partir destas três ocorrências, é evidente que Lucas era um médico e companheiro de Paulo. É mais do que provável que Lucas fosse um gentio, mas ele não era necessariamente um grego. Parece também que Lucas tinha algum grau de associação com o judaísmo por causa do seu conhecimento da Septuaginta (LXX) – a tradução grega do Antigo Testamento. Lucas não só compôs o Evangelho mais longo, mas também escreveu mais do que qualquer outro escritor do NT. Lucas segue uma linha histórica, relatando o período apostólico, e essa situação suplanta para muitos historiadores sua dimensão teológica. Podemos verificar, então, que o autor desenvolve muitos temas em seu Evangelho que reforçam e destacam a teologia lucana.

Um dos grandes temas é a História da Redenção, pela qual ele vê o mundo em três grandes períodos de tempo:

- 1) O tempo da "Lei e os Profetas" estava em vigor até João Batista (16, 16a).
- 2) O tempo de Jesus, quando "o evangelho do reino de Deus foi pregado" (16, 16b).
- 3) O tempo da ascensão de Cristo e do seu retorno. Este é o período da igreja.

Outro tema que aparece com força no Evangelho de Lucas é o da salvação. Salvação essa vinculada à libertação, exclusividade lucana.

Já vimos que Lucas tem um estilo próprio – lucano – retratado em um sofisticado grego, melhor do que qualquer outro autor do NT. Por outro lado, há partes do Evangelho de Lucas onde ele decide seguir alguns dos hebraísmos de Marcos e da Septuaginta.

ESTRUTURA

A estrutura do Evangelho de Lucas, de forma resumida, começa com o exórdio, seguido pelos nascimentos de João Batista e Jesus. Lucas então cobre o ministério de João e a preparação do ministério de Jesus. Ele dá conta do ministério galileu de Jesus e sua jornada para Jerusalém. O tempo de Jesus em Jerusalém pode ser dividido em seu ministério, a paixão e sua ressurreição e ascensão. Bom, vamos detalhar um pouquinho mais.

Lucas também relata, assim como Mateus, a genealogia e o nascimento virginal de Jesus. Podemos encontrar algumas diferenças de Mateus quando Lucas introduz a história de nascimento de João Batista, o censo e a viagem a Belém, o nascimento em uma manjedoura, e anunciação pelos anjos para pastores e uma breve história da infância de Jesus.

Lucas também dá ênfase aos milagres de Jesus. Podemos contar 20, quatro dos quais são únicos no Evangelho de Lucas. Também as parábolas no Evangelho de Lucas somam mais de 12, e apontam para situações éticas e morais.

Outra figura de destaque em Lucas são as mulheres, situação essa com mais destaque em relação aos outros evangelhos. Em Lucas, as mulheres aparecem em destaque como fiéis seguidoras de Jesus, que, convenhamos, para aquele tempo, era uma atitude de muita coragem.

Quando Lucas narra a Paixão de Jesus, vemos Jesus rezando para que Deus perdoe aqueles que o crucificam. Já nos relatos das aparições após a morte de Jesus, é Lucas quem conta a história de dois discípulos no caminho de Emaús.

A missão de Jesus dada aos 11 discípulos, de levar sua mensagem a todas as nações, afirma o cristianismo como uma religião universal. O relato da ascensão de Jesus no final de Lucas, aparentemente, é uma adição posterior à redação original.

10ª AULA

Paixão e Morte segundo os Evangelhos Sinóticos

Evangelho segundo Mateus (26-27)

No evangelho de Mateus no capítulo (26-27), temos a narrativa da paixão de Jesus, Jesus vai encontro da sua paixão com plena consciência e aceitação voluntária. “será entregue”: uma forma passiva que no mínimo sugere a ação de Deus e faz eco ao destino do servo (Is 53,6). O filho do homem não conhece a hora do fim do mundo (24,36), mas sabe que sua hora chega com a Páscoa e que as duas vão juntos, e faz os discípulos saber disso. só “então” se reúnem o braço religioso e secular para decidir a prisão e a execução de Jesus. A Páscoa devia ser celebrada em paz, e em um tumulto popular podia provocar os romanos. o medo suponho que “o povo” e “os chefes do povo” não estavam de acordo. Jesus anuncia que será morto na festa da Páscoa (26,1-5). Desse modo, está insinuando que ele o próprio é o cordeiro Pascal.

A Páscoa do livro do Êxodo marcava a noite da libertação do Egito, terra em que o povo de Deus era explorado e oprimido (veja Êxodo 12). A morte de Jesus, o cordeiro da Páscoa definitiva, marcará a libertação do povo de Deus para sempre. Enquanto isso, as maiores autoridades tramam a morte de Jesus. São os saduceus, formados pela elite da religião (sacerdotes) e pela elite da sociedade (anciões). Pensam usar e despreza, mas tem medo do povo. Eles sabem muito bem que a morte de Jesus, defensor do povo pobre, poderia fazer com que o povo tomasse consciência da situação. E, contra toda a expectativa deles, é o que vai acontecer. A morte de Jesus cobrirá para sempre abrirá para sempre a respeito contra os poderosos.

Jesus em Betânia (26,6-16)

Jesus se encontra em Betânia Perto de Jerusalém, na casa de um leproso, uma mulher desconhecida o unge com perfume caro (26,6-13). Mateus não dá o nome da mulher, Mas João no capítulo 12 a identifica com Maria, irmã de Lázaro. O perfume na cabeça de Jesus não é unção (cf. 1Sm 10,1; 2Rs 9,6), mas esplêndido e público gesto de estima. Os discípulos o qualificam como esbanjamento; podia ser bem mais empregado em benefício dos pobres (19,21). Jesus os corrige publicamente, interpretando o significado profundo do gesto. Também Jesus é pobre neste momento, com a pobreza total da morte. Além disso a ajuda cristã aos pobres será feita em nome de Jesus Cristo.

Em primeiro lugar, o gesto expressa a oferta à sua pessoa, “comigo”. No contexto do texto aludido (cf. Dt 15,1-11) se diz que, pelo egoísmo de uns, haverá pobreza em Israel; mas a mulher mostra a generosidade do amor (6,22-23). Segundo o gesto é uma moção sepulcral antecipada; como tal, Jesus o recebe em vida consciente de sua morte próxima. Terceiro, o gesto conservará para sempre um valor eclesial: sua lembrança será exemplar e testemunho de ressurreição (Pr22,9). Ora, a unção na cabeça era feita para os reis. A mulher está reconhecendo Jesus como seu rei. Por outro lado, o perfume era sinal de amor (veja cântico dos cânticos 1,12) e, portanto, de relação e compromisso justamente na hora em que Jesus vai ser morto por causa de sua luta pela justiça.

Os discípulos criticam o gesto da mulher. Pensam que os pobres precisam de esmolas. Ora os pobres não precisam de bondade paternalista, que é uma forma de os doadores se sentirem “bons”; eles precisam é de justiça. Bondade, na maioria das vezes, é a forma de não praticar a justiça. Em troca, Jesus faz a grande revelação: “vocês terão sempre os pobres com vocês”. Em outras palavras Jesus diz que a comunidade formada pelos seus seguidores é aquela que escolheu ser pobre com os pobres assumindo a causa deles contra o sistema que gera pobreza para sustentar a riqueza. E depois elogia o gesto da mulher: ele será lembrado sempre, porque é no amor, relação de compromisso com Jesus e com os pobres, que a comunidade continuará o que Jesus começou.

Páscoa e Eucaristia (26,17-35)

De acordo com Mt 26, 17-30. Vários detalhes do relato apontam para uma ceia ritual da Páscoa: os preparativos (17. 18. 19), o roteiro com a bênção (26) e os hinos (30). Mas não se menciona o cordeiro (imolado no templo), e a cronologia de João exclui que se trate de ceia Pascal. Portanto, ou Jesus antecipa por conta própria o rito, ou segue outro calendário, ou a celebração cristã da nova Páscoa (1Cor 5,7) influi na redação do relato.

O anúncio precedente se faz mais preciso, porque Jesus quer revelar detalhes pessoais. A lembrança da traição passa pela reação da Igreja primitiva, pois para ela Judas se converte em tipo de traidor, e assim seu nome será nossos idiomas; e a resposta pessoal de Jesus pode dirigir-se de novo aos novos traidores da sua pessoa. Judas não chama de senhor, mas de rabi, mestre. O aí do Narrador não é somente compaixão por Jesus, mas dor pelo fato de que entre os doze haja um traidor (1Jo 2,19). O mais curioso é que não é exatamente um inimigo que vai provocar o destino fatal de Jesus. É um discípulo que eu acompanhei o tempo todo! (26,14- 16). Ele pode ser qualquer um de nós que não tenha decidido entre o projeto de Deus e o projeto do dinheiro, que gera a Riqueza, que gera a exploração, que gera miséria, que gera a doença que gera a morte.

Em plena refeição da Páscoa (26,17- 25), a questão continua: quem é que vai entregar Jesus? Todos perguntam: “será que sou eu?” uma pergunta que também nós devemos fazer. Afinal as boas intenções podem sempre esconder interesses nem sempre bons. É em meio à celebração da Páscoa, a festa da libertação, que Jesus celebra a primeira missa (26,26-29). Todas as nossas missas são a repetição comprometedor de esse gesto final de Jesus, resumo da coroa de toda a sua vida, e também um convite a fazermos o mesmo. O “corpo” é a parte visível da pessoa. O sangue é a vida misteriosa, dom de Deus que percorre as nossas veias.

Pois bem. Jesus anuncia o sentido supremo da sua vida de filho de Deus e filho da humanidade é entregar-se a si mesmo, entregar a própria vida para que os outros tenham vida. Quem são os outros? Aqueles que são explorados e oprimidos, perdendo a vida que receberam como dom de Deus. Não é apenas um gesto simbólico, mas um gesto muito concreto: Jesus entregou a si mesmo, seu corpo e seu sangue para que os pobres e fracos recuperassem o seu próprio corpo e sangue, a sua própria vida. Isso foi a luta por sua inteira e também sentido de sua morte.

A prisão (26,47-56)

Em toda a cena da prisão segundo Mateus, Jesus domina a situação como servo do senhor (Is 42,3-4). E reprime a violência, mesmo defensiva de um dos seus; aceita o beijo do traidor (Cf. SL 55,13-15); sem opor a resistência denuncia à violência injustificada da multidão. Não é um bandido perigoso, mas um mestre público e pacífico. Poderia provocar forças superiores, mas sua força está em aceitar o desígnio do pai: assim foi anunciado na escritura assim tem que acontecer.

Judas trai Jesus com um gesto de amizade, e Jesus o chama de amigo. Ao mesmo tempo, a multidão armada de espadas e paus avança contra Jesus indefeso e recusa qualquer defesa que lança a mão a mão da violência. Porque, de acordo com o projeto de Deus, que nasce do amor, a justiça não se impõe pela violência, mas pela educação e convite do amor. O amor é forte e fraco, pois depende sempre da aceitação ou não aceitação do outro. Enquanto isso, a violência não gera justiça, mas violência. Jesus podia recorrer ao poder para se salvar. Fazendo isso, porém, estaria caindo nas tentações, usando o poder para salvar a si mesmo.

Diante do conselho (26,57-68)

No relato de Mateus, o processo, ou instrução do processo de Jesus diante do grande conselho corre com fluidez e coerência. O conselho se reúne de manhã cedo. Mateus os concentra em um, de noite, para obter um contraste entre a confissão de Jesus e a negação de Pedro (que foi noturna). Dir-se-ia que coloca com intenção polêmica as zombarias como consequência da sentença. Também parece indicar intenção polêmica o dizer que buscavam testemunhas “falsas”. Contudo, algo se destaca e se perfila no processo ou interrogatório. Destacados outros motivos duvidosos, a questão se concentra no messianismo transcendente de Jesus.

A morte de Jesus (27, 32-56)

Mateus nos mostra, que as autoridades ampliam a zombaria diante de Jesus. É os sarcasmos naquilo que mais dói, a relação com o pai. O “salvar” pode ser zombaria do nome; mas deve recordar o título de salvador que os cristãos davam a Jesus. Mateus o significado dessa morte, sem esclarecer suficientemente sua intenção. O véu do templo (Ex 26,31-35): significa o final do culto antigo? O terremoto é muitas vezes tiofênico, como reação da terra na presença do seu criador (Sl 18,8).

As autoridades judaicas recorrem a Pilatos, o governador romano (27,1-2.11-19), a fim de executar a sentença de morte. O texto só diz que os sumos sacerdotes e anciãos o acusavam, mas não diz qual era a acusação. A primeira pergunta de Pilatos, porém, dá a entender que as autoridades mudaram a acusação. Jesus fora condenado por elas por ameaças contra o templo, e por se fazer de Messias, o filho de Deus (26,61-64).

Paixão segundo Marcos (14-15)

De acordo com Marcos, o julgamento de Jesus começa na casa do sumo sacerdote, onde se reúnem as autoridades (14,53). Aí estão representados todos aqueles que desde o início faziam um plano para matá-lo (Cf.3,6). O processo se inicia em busca de testemunhas: “ora, os chefes dos sacerdotes e todo o sinédrio procuravam contra Jesus algum testemunho, a fim de condenar à morte” (14,55). A Paixão de Jesus responde às predições ou figuras do antigo testamento, em particular a figura do inocente perseguido, que culminam em Is53 e Sl 22. Daí se segue certo interesse apologético, isto é, de distribuir responsabilidades para afirmar a Inocência do acusado, como os Salmos de súplica (7;17). O sentido teológico da paixão é tão importante quanto fato: é preciso inserir a paixão no plano do pai para que adquira sentido. A Comunidade medita para compreender o sentido de um fato tão misterioso.

A elaboração narrativa, com a sequência de episódios, procedi em boa parte os evangelhos escritos. Dado o estilo despojado dos relatos, deve-se prestar atenção em qualquer detalhe, que pode ser intencional e significativo. Em particular, quando Lemos o relato de Marcos, temos de tomar precauções. Estamos acostumados a ler o relato da paixão nos quatro evangelhos, dos quatro tiramos um relato unificado. Depois desgarramos os materiais do conjunto em cada evangelho. Estamos muito habituados a ler obra que ampliam o relato, buscando a coerência dos dados, analisando os motivos das ações, entrando na psicologia dos personagens, preenchendo lacunas. Isto que temos lido foi meditado e assimilado. A consequência é que não conseguimos ler com atitude aberta e disponível o relato individual. É preciso, portanto, um esforço para apreciar separadamente cada relato da paixão. Isso não tira o valor das reconstruções do conjunto histórico o das meditações guiadas pela fé.

A prisão (14,43-52)

A cena da prisão acontece com toda a rapidez até o v.46, com seu momento mais intenso no beijo traidor (Pr 27,6; 2Sm 20,9, o beijo traidor Joab). Depois seguem-se três momentos que ampliam a cena final os três grupos que compõem o sinédrio ou grande conselho enviam um pelotão armado.

A fútil tentativa de defesa por parte de um dos presentes é atestada pelos três evangelistas e serve de contraste ao segundo momento, da alocução de Jesus (14,47). São palavras de domínio e repreensão ponte, sugerem má consciência nos executores a ilegalidade no modo de execução. Bandido: como qualquer zelota revoltoso; os zelotas não ensinam pacificamente no templo. Sem pretender Los, o grupo armado está cumprindo a escritura se refere há um texto em que particular vira seria o canto do servo (Is53,7-8). (14,48-49).

O terceiro momento é um enigma. Como o simples fato ilustra o ambiente noturno, a suspeita e conclusão do momento. Se o Narrador oferece como contraste, e o segmento se opõe à fuga dos discípulos, sua fuga à Entrega de Jesus (14,51-52).

Negação de Pedro (14,66-72)

A negação de Pedro, preparada no v.54, é um sofrimento a mais para Jesus, e ao mesmo tempo é cumprimento da sua predição. Com o testemunho corajoso de Jesus diante

do conselho, contrasta a covardia de Pedro diante dos servos. Marcos gradua habitualmente a cena: primeiro Pedro se faz de desentendido, ante a insistência nega, atemorizado pelo grupo jura. “Não o conheço” pode ser semitismo, equivalente a “não tenho relação com ele” (Cf. Jó 19,13). Um inocente trivial, o canto matutino de um galo, com a lembrança da predição de Jesus, e Pedro passa do abismo da negação à libertação do arrependimento. “Que nossos olhos se desfaçam a me em lágrimas e nossas pálpebras destilem água” (Jr 9,17). Nazareno para Jesus e Galileu para Pedro se encaixam bem no contexto narrativo. Quando Marcos escreve, os judeus já chamavam os cristãos “Nazareno”.

A zombaria dos soldados (15,16-20)

A cena dos soldados pretende zombar, não torturar, e é centralizada no título de rei. É uma paródia grotesca e humilhante. A coroa real é de sarça, o cetro é uma cana (implícito), o manto imita a cor da realeza. Segue-se a saudação e aclamações. Depois se anima a zombaria e passam os golpes e ultrajes (Cf. Jr 20,7; Sl 44,14). A brutalidade anula a compaixão.

A morte (15,21-41)

Os narradores da crucifixão e morte lançam mão dos textos do AT, com preferência o Salmo 22, a grande súplica do inocente perseguido. O estilo de Marcos neste último trecho é sóbrio, diríamos insensível; como se deixasse todo o sentimento ao leitor. Da morte de Jesus se fazem testemunhas José, o centurião e Pilatos. Receber a sepultura num Sepulcro era muito importante para os Israelitas; ficar sem ele era desgraça e infâmia. É importante notar que José era membro estimado do conselho e “esperava o reinado de Deus”, de acordo com a pregação de Jesus. Deduzimos que nem todos os do no conselho consentiriam na condenação.

E que um importante chefe judeu faz companhia ao centurião romano. A morte do mestre infunde-lhe ousadia diante de outros chefes ou de Pilatos, e quer oferecer sua homenagem póstuma, completando a ação da mulher anônima (14,8, não se diz que José embalsamou). O centurião confirma a morte de Jesus. O lençol é normal, pois os judeus não usavam caixões: era recém-comprado (novo). O Sepulcro, no estilo de muitos da região.

Como a lei mandava que não ficasse pendurado os corpos dos executados (Dt 21,22-23) e por outro lado era iminente o novo dia, que começava ao pôr-do-sol, José apressa a operação.

Paixão segundo Lucas (22-23)

Lucas tem como característica envolver o leitor no seguimento de Jesus e, por isso, as atitudes de Jesus, em seu momento derradeiro, dava esperança aos discípulos que, na comunidade lucana, já começam a passar pelas primeiras perseguições. “Assim como Jesus é o mártir fiel ao Pai e solidário com os homens, assim o segue o discípulo, levado por uma sintonia interior com a pessoa de Jesus”. Na Ceia, Jesus dá as últimas recomendações para seus discípulos sobre a fidelidade, os perigos e os riscos do tempo futuro. Neste sentido, a

celebração eucarística ocupa a centralidade na vida da Igreja, onde toda a comunidade cristã deve ser modelo de fé e de fidelidade. “O centro da nova páscoa é Jesus, a sua palavra e o seu dom, que estão sendo continuamente recordados e atualizados na comunidade dos discípulos que, ainda hoje, se reúnem para celebrar a Páscoa”.

Da Ceia ao Calvário

Lucas apresenta a seguinte ordem: 1) Preparação para a Ceia Pascal (Lc 22,7-13); Nova Páscoa (Lc 22,14-23); Promessas aos Discípulos e à Comunidade (Lc 22,24-38); Oração no Monte das Oliveiras (Lc 22,39-46); A prisão de Jesus (Lc 22,47-53); Negação de Pedro (Lc 22,54-65); Jesus diante do Sinédrio, Pilatos e Herodes (Lc 22,66 - 23,12); A Condenação de Jesus (Lc 22,13-25) e o Caminho da Cruz (Lc 23,26-32).

A oração no horto (22,39-46)

Terminou o banquete no qual se cantaram versos de júbilo. No último Salmo (118) pronunciaram também estas frases “rodeavam-me fechando o cerco... como abelhas empurraram-me para derrubar-me... o senhor me socorreu... a Pedra que rejeitaram... não interrompe o seu costume de orar de noite; sai para o lugar costumeiro ao encontro de sua paixão. A oração que se segue e seu ambiente vão ser muito diversos. Os discípulos devem pedir como pai-nosso (o que não figura na versão de Lucas 11,2-4); “não sucumbir na prova”. Jesus repete uma frase. Os comensais do banquete dormem na hora da dor, e esse sono é o começo do abandono: “o amigo desleal atende à mesa, não aperto, fica à distância” (Eclo 37,4). Jesus reza de joelhos, humilde e confiante. Como sempre de modo único, invoca Deus como pai; desta vez não sente o “júbilo do Espírito” (10,21). que passa o cálice da Ira, devido aos pecadores e não ao inocente (Jr 25,29; Is51,22), mas que a vontade de Deus se anteponha a sua humana. “No texto do rolo está escrito a meu respeito que cumprirei tua vontade.

A prisão (22,47-53)

Lucas componha uma cena breve de enfeite dramático: o beijo do traidor, a intervenção armada de um apóstolo, a alocação de Jesus definindo o sentido e a dimensão do ocorrido (22,47-53). O “beijo de Judas” passou à tradição como emblema de traição: “Não é um desgosto mortal quando o amigo íntimo se torna inimigo?” (Eclo37,2). “mas és tu, meu amigo e confidente, a quem me unia doce intimidade” (Sl 55,14-15). A pergunta de Jesus tem a força Suprema da Mansidão (22,47-48).

Os apóstolos continuam sem entender, o pensamento ainda no fato das espadas e expressando sua fidelidade com a violência. Com isso entram no jogo do “poder tenebroso”. Assim não venceram, e justificarão humanamente a reação dos inimigos. Curando o servo ferido, Jesus demonstra que não tem nada a ver com a violência crescente e, mais ainda louvada. Também essa cura é emblema da vontade de Jesus de curar feridas mais profundas

e fatais. Como o bem quer vencer o mal: “A ninguém paguei o mal com o mal... não te deixei vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem” (Rm 12,17.21).

Depois do beijo do traidor, a negação do primeiro apóstolo. Pedro quer demonstrar sua lealdade seguindo-o; avança e entra confiando em si. Dormiu e não se uniu a oração do mestre. Nenhum dos evangelistas correu um véu sobre a covardia daquele que se fazia de Valente, sobre a fraqueza da “Pedra”. A Pedro advém a primeira ocasião de dar testemunho, não, porém, diante do tribunal público (21,13), e falha de ensaio. Os que prenderam Jesus era um sumo sacerdote guarda do templo e senadores. Os que agora custodiam seriam alguns daqueles, provavelmente da guarda do templo.

A morte de Jesus (23, 44-49)

A morte de Nosso Senhor na cruz marca o começo da mudança ou conversão dos fiéis. É o último gesto de solidariedade de Jesus, que oferece a todos que se convertem a salvação. “Não há situação humana de miséria e de pecado que exclua alguém da salvação; também para o bandido que morre por causa de seus delitos há esperança de futuro”. O sepultamento de Jesus foi apressado pela proximidade do repouso sabático. José de Arimatéia concedeu a Jesus o último gesto de piedade humana: um sepultamento digno, honrado, num sepulcro novo.

O último capítulo do Evangelho nos fala da Ressurreição de Jesus e também do pleno cumprimento de todas as promessas e expectativas de salvação. “Em Jerusalém se revela a grande ação salvadora de Deus, a morte e a ressurreição do Messias; aqui ele, como o ‘vivente’ e glorificado, encontra os seus discípulos para enviá-los a todos os povos”. Este capítulo nos apresenta três partes muito importantes da ação do Ressuscitado: 1º) O anúncio da ressurreição às mulheres, perto do sepulcro, é orientado ao grupo dos onze que estão ao redor de Simão (Lc 24,1-12); 2º) O reconhecimento do Senhor por parte dos dois discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) e 3º) A aparição final de Jesus aos onze, que marca todo o evento pascal, e com a promessa da missão universal, inaugura a caminhada da Igreja (Lc 24,36-53).

Portanto, o ápice da ação de Jesus marca a plenitude da universalidade da salvação. A partir de agora, a Igreja deve continuar a missão de Cristo que, reunida ao redor do Senhor ressuscitado pela força do Espírito, continua, no mundo, a obra de salvação.

11ª AULA

A RESSURREIÇÃO SEGUNDO OS EVANGELHOS SINÓTICOS

Em que consiste a ressurreição de Jesus? O que querem dizer estes cristãos da primeira geração quando falam de "Cristo ressuscitado"? O que entendem por "ressurreição de Jesus"? Em que estão pensando?

A ressurreição é algo que aconteceu a Jesus: Algo que se produziu no crucificado, não na imaginação de seus seguidores. É esta a convicção de todos. A ressurreição de Jesus é um fato real, não produto de sua fantasia nem resultado de sua reflexão. Também não é uma maneira de dizer que despertou novamente sua fé em Jesus. É certo que no coração dos discípulos brotou uma nova fé em Jesus, mas sua ressurreição é um fato anterior, que precede tudo quanto seus seguidores podem ter vivido depois. É precisamente, o acontecimento que os arrancou de sua perplexidade e frustração, transformando pela raiz sua adesão a Jesus.

Esta ressurreição não é um retorno de Jesus à sua vida anterior na terra.

Jesus não retorna a esta vida biológica que conhecemos, para morrer um dia de maneira irreversível. As fontes nunca sugerem algo assim. A ressurreição não é a reanimação de um cadáver. É muito mais. Os primeiros cristãos nunca confundem a ressurreição de Jesus com o que pode ter ocorrido, segundo os evangelhos, a Lázaro, à filha de Jairo ou ao jovem de Naim. "Jesus não retorna a esta vida, mas entra definitivamente na "Vida" de Deus", Uma vida libertada, onde a morte já não tem nenhum poder sobre ele. Afirma-o Paulo de maneira taxativa: "Sabemos que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, não volta a morrer, a morte já não tem domínio sobre ele. Porque, quando morreu, morreu para o pecado de uma vez para sempre; seu viver, em compensação, é um viver para Deus".

No entanto, os relatos evangélicos sobre as "aparições" de Jesus ressuscitado podem criar em nós certa confusão. De acordo com os evangelistas, Jesus pode ser visto e tocado, pode Comer, subir ao céu até ficar ocultado por uma nuvem. Se entendermos estes detalhes narrativos de maneira material, dá a impressão de que Jesus retornou novamente a esta terra para continuar com seus discípulos como em outros tempos. No entanto, os próprios evangelistas nos dizem que não é assim. Jesus é o mesmo, mas não é o de antes, apresenta-se a eles cheio de vida, mas não o reconhecem de imediato; está no meio dos seus, mas não o podem reter; é alguém real e concreto, mas não podem conviver com ele como na Galileia. Sem dúvida é Jesus, mas com uma existência nova.

Os seguidores de Jesus também não entenderam sua ressurreição como uma espécie de sobrevivência misteriosa de sua alma imortal, ao estilo da cultura grega". O ressuscitado não é alguém que sobrevive depois da morte despojado de sua corporalidade. Eles são hebreus e, segundo sua mentalidade, o "corpo" não é simplesmente a parte física ou material de uma pessoa, algo que se pode separar de outra parte espiritual. O "corpo" é toda a pessoa tal como ela se sente enraizada no mundo e convivendo com os outros; quando falam de

"corpo" estão pensando na pessoa com todo o seu mundo de relações e vivências, com toda a sua história de conflitos e feridas, de alegrias e sofrimentos. Para eles é impensável imaginar Jesus ressuscitado sem corpo: seria qualquer coisa, menos um ser humano". Mas, naturalmente, não estão pensando num corpo físico, de carne e osso, submetido ao poder da morte, e sim num "corpo glorioso" que recolhe e dá plenitude à sua vida concreta desenvolvida neste mundo. Quando Deus ressuscita Jesus, ressuscita sua vida terrena marcada por sua entrega ao reino de Deus, seus gestos de bondade para com os pequenos, sua obediência até à morte. Jesus ressuscita com um "corpo" que recolhe e dá plenitude à totalidade de sua vida terrena.

Para os primeiros cristãos, por cima de qualquer outra representação ou esquema mental, a ressurreição de Jesus é uma atuação de Deus que, com sua força criadora, o resgata da morte para introduzi-lo na plenitude de sua própria vida. Assim o repetem sempre de novo as primeiras confissões de fé cristãs e os primeiros pregadores. Por assim dizer, Deus acolhe Jesus no próprio interior da morte, infundindo-lhe toda a sua força criadora. Jesus morre gritando: "Meu Deus, por que me abandonaste?" e, ao morrer, encontra-se com seu Pai, que o acolhe com amor imenso, impedindo que sua vida fique aniquilada. No próprio momento em que Jesus sente que todo o seu ser se perde definitivamente seguindo o triste destino de todos os humanos, Deus intervém para dar-lhe sua própria vida. Onde para Jesus tudo acaba, Deus começa algo radicalmente novo. Quando tudo parece afundar irremediavelmente no absurdo da morte, Deus começa uma nova criação.

Esta ação criadora de Deus acolhendo Jesus em seu mistério insondável é um acontecimento que transborda a estrutura desta vida onde nós nos movemos. Subtrai-se a qualquer experiência que possamos ter neste mundo. Não o podemos representar adequadamente com nada. Por isso, nenhum evangelista atreveu-se a narrar a ressurreição de Jesus. Ninguém pode ser testemunha dessa atuação transcendente de Deus". A ressurreição já não pertence a este mundo que nós podemos observar. Por isso pode-se dizer que não é propriamente um "fato histórico", como tantos outros que acontecem no mundo e que podemos constatar e verificar, mas é um "fato real" que aconteceu realmente. E não só isso. Para os que creem em Jesus ressuscitado é o fato mais real, importante e decisivo que ocorreu para a história humana, porque constitui seu fundamento e sua verdadeira esperança".

Como os cristãos da primeira geração falam desta ação criadora de Deus que não cai no campo de nossa observação? É esclarecedora a linguagem de Paulo. De acordo com ele, Jesus foi ressuscitado pela "força" de Deus, que é a que o faz viver sua nova vida de ressuscitado; por isso, cheio dessa força divina, ele pode ser chamado "Senhor", o mesmo nome que se dá a Javé entre os judeus de língua grega. Diz também que foi ressuscitado pela "glória" de Deus, ou seja, por essa força criadora e salvadora na qual se revela quão grande ele é; por isso Jesus ressuscitado possui um "corpo glorioso", que não significa um corpo radiante e resplandecente, mas uma personalidade transbordante da força gloriosa do próprio Deus. Por fim, diz que foi ressuscitado pelo "espírito" de Deus, por seu alento criador. Por isso seu corpo ressuscitado é um "corpo espiritual" ou seja, plenamente vivificado pelo alento vital e criador de Deus".

Os primeiros cristãos pensam que com esta intervenção de Deus inicia-se a ressurreição final, a plenitude da salvação. Jesus é só o "primogênito dentre os mortos", o primeiro a nascer para a vida definitiva de Deus. Ele se antecipa a desfrutar de uma plenitude

que nos espera também a nós. Sua ressurreição não é algo privado, que afeta somente a ele; é o fundamento e a garantia da ressurreição da humanidade e da criação inteira. "Jesus é "primícia", o primeiro fruto de uma colheita universal". "Deus, que ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará também a nós por sua força". Ressuscitando Jesus, Deus começa a "nova criação". Sai de seu ocultamento e revela sua intenção última, aquilo que buscava desde o começo ao criar o mundo: compartilhar sua felicidade infinita com o ser humano.

O caminho da nova fé em Cristo Ressuscitado

O que ocorreu para que os discípulos possam ter chegado a crer algo tão assombroso a respeito de Jesus?

O que é que provoca uma reviravolta tão radical nestes discípulos que, pouco antes, fugiam dando por perdida sua causa? O que é que eles vivem agora depois da morte de Jesus? É possível aproximar-nos da experiência primeira que desencadeia seu entusiasmo por Cristo ressuscitado?

Os relatos chegados até nós não permitem estabelecer de maneira segura e definitiva os fatos que aconteceram depois da morte de Jesus. Não é possível, com métodos históricos, penetrar no conteúdo da experiência dos discípulos. No entanto, é claro que a fé desses seguidores não se apoia no vazio.

Algo aconteceu neles. Todas as fontes o afirmam: viveram um processo que não só reavivou a fé que tinham em Jesus, mas os abriu para uma experiência nova e inesperada de sua presença entre eles.

Trata-se de um processo rico e complexo no qual concorrem diversos fatores, não um só. Os seguidores de Jesus refletiram sobre o ocorrido, recorreram à sua fé na fidelidade de Deus e em seu poder sobre a morte, recordaram o que viveram junto a Jesus com tanta intensidade. Neste processo confluem perguntas, reflexões, acontecimentos inesperados, vivências de fé especialmente intensas.

Tudo foi contribuindo para despertar neles uma fé nova em Jesus, embora esta experiência que eles vivem de sua presença viva depois da morte não seja fruto exclusivo de sua reflexão. Eles a atribuem a Deus. Só Deus pode estar revelando a eles algo tão grande e inesperado. Sem a ação de Deus, eles se teriam perdido em suas perguntas e cavilações, sem chegar a nenhuma conclusão segura e prazerosa sobre o destino de Jesus". O que podemos dizer deste processo?

Os discípulos de Jesus, como quase todos os judeus de sua época, esperavam para o fim dos tempos a "ressurreição dos justos". Sem este horizonte de esperança dificilmente teriam podido dizer algo da ressurreição. Esta não era uma convicção judaica arraigada ao longo dos séculos, mas uma fé bastante recente, que ainda era formulada com linguagens diferentes. O problema apresentou-se de maneira crucial quando, nos anos 168-164 a.C., um número incontável de fiéis judeus foram martirizados por Antíoco Epífanes por permanecerem fiéis à Lei: pode Deus abandonar definitivamente na morte os que o amaram até ao extremo de morrer por ele? Não devolverá a vida aos que a sacrificaram por ser-lhe fiéis? Eram estas provavelmente as perguntas que se faziam os seguidores de Jesus diante de sua morte. O profeta Daniel havia respondido proclamando uma fé nova: no final dos tempos, os que permaneceram fiéis a Deus se salvarão. "Muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, uns para a vida eterna, outros para o opróbrio e o horror eternos. Os sábios brilharão como o

esplendor do firmamento; os que guiaram a muitos pelo bom caminho serão como as estrelas por toda a eternidade". Os mártires fiéis a Deus e os sábios que guiaram a muitos pelo bom caminho despertarão do sono da morte. Agora não são mais do que pó, mas Deus os fará brilhar como as estrelas.

Sem dúvida, os discípulos de Jesus compartilham esta fé. Já nessa época ela era amplamente aceita, sobretudo entre os escritores apocalípticos", embora sejam os grupos fariseus os que mais a promovem entre o povo; só os saduceus a rejeitam como uma "novidade" não atestada nas tradições mais antigas. Provavelmente, como os demais judeus piedosos, também os discípulos recitavam todos os dias, ao nascer e ao pôr do sol, a seguinte bênção:

"Bendito és, Senhor, que fazes viver os mortos". Esta esperança ajuda sem dúvida os discípulos a interpretar melhor aquilo que estão vivendo. Se experimentam Jesus vivo, não será que ele já chegou a essa ressurreição final dos justos? Não estará Jesus vivendo essa salvação plena de Deus?

Mas a ressurreição antecipada de uma pessoa, antes de chegar o fim dos tempos, era algo insólito. Em geral esperava-se de maneira generalizada e no plural a "ressurreição dos justos". Certamente os discípulos tinham ouvido falar do martírio de sete irmãos torturados por Antíoco Epifanes juntamente com a mãe deles. O relato era muito popular, porque a cena em que desafiam o rei, confessando sua fé em sua própria ressurreição, é realmente impressionante". Nada podemos dizer com certeza, mas a evocação de mártires concretos ressuscitados por Deus pode ter-lhes permitido superar mais facilmente o escândalo da cruz: Jesus, assassinado injustamente por sua fidelidade a Deus, não pode ter sido aniquilado pela morte; nele cumpriu-se de maneira eminente o destino do mártir reivindicado por Deus.

No entanto, esta visão permanecia limitada para eles. A ressurreição destes mártires só afeta cada um deles; nada tem a ver com a salvação dos demais seres humanos". Pelo contrário, os seguidores de Jesus acabam falando de sua ressurreição como fonte de salvação para toda a humanidade, "primícia" de uma ressurreição universal, inauguração dos últimos tempos. Os discípulos haviam ficado muito "marcados" por Jesus. A crucificação não podia apagar de um só golpe o que haviam vivido junto a ele. Em Jesus haviam experimentado Deus irrompendo no mundo de maneira nova e definitiva. Sua força curadora destruía o poder de Satanás e resgatava do mal enfermos e possessos, apontando para um mundo novo de vida plena. Sua acolhida aos últimos como os privilegiados do reino de Deus despertava a esperança dos pobres no Deus que começava a manifestar sua força libertadora diante de tanta injustiça e abuso. Suas refeições com pecadores e indesejáveis antecipavam o banquete final e a alegria dos últimos tempos. Eles haviam experimentado em Jesus a irrupção da força e do amor salvador de Deus, não estavam experimentando agora em sua ressurreição a erupção libertadora de Deus inaugurando já o reino definitivo da vida?

A experiência decisiva

Numa época relativamente tardia, quando os cristãos vivendo a fé em Cristo ressuscitado já há quarenta ou cinquenta anos, topamos com alguns relatos cheios de encanto que evocam os primeiros "encontros" dos discípulos com Jesus ressuscitado. São narrações que recolhem tradições anteriores, mas que cada evangelista trabalhou a partir de sua própria visão teológica para concluir seu evangelho sobre Jesus". Logo se vê que estes

relatos não pretendem oferecer-nos informações detalhadas sobre o que ocorreu quarenta ou cinquenta anos antes. De fato, é impossível reconstruir os acontecimentos a partir daquilo que estes relatos nos contam". São antes uma espécie de "catequeses" compostas para aprofundar diversos aspectos da ressurreição de Cristo, de consequências importantes para seus seguidores. Não surgiram do nada, sem base alguma na realidade, mas recolhem múltiplas vivências que ainda são lembradas entre os cristãos: experiências da presença inesperada de Jesus depois de sua morte, dúvidas e incertezas dos primeiros momentos, processos de conversão, reflexões sobre as Escrituras para ir compreendendo melhor o que eles vivem... No entanto, o objetivo dos evangelistas não é acrescentar mais informações ao que já contaram sobre Jesus. O que eles querem é levar todos a entender que a vida e a morte precisam ser compreendidas numa nova dimensão. Aquele Jesus que os leitores puderam seguir ao longo de seu relato anunciando o reino de Deus e morrendo por sua causa não está morto. Foi ressuscitado por Deus e continua cheio de vida acompanhando os seus.

O que é que sugerem estes relatos acerca da experiência que transformou os seguidores de Jesus? O núcleo central é, sem dúvida, o encontro pessoal com Jesus cheio de vida. O que é decisivo é o seguinte: Jesus vive e está novamente com eles; todo o resto é secundário. Os discípulos encontram-se com aquele que os chamou ao serviço do reino de Deus e que eles abandonaram no momento crítico da crucificação: estando ainda cheios de medo das autoridades judaicas e com as portas fechadas, "Jesus apresenta-se no meio deles!"; nada nem ninguém pode impedir Jesus ressuscitado de voltar a estar em contato com os seus. As mulheres encontram-se com aquele que defendeu sua dignidade e as acolheu em sua companhia: "Jesus saiu Ao seu encontro e as saudou; elas aproximaram-se e abraçaram-lhe os pés"; novamente experimentam sua proximidade amorosa. "Maria de Mágdala encontra-se com o Mestre que a curou e do qual se enamorou para sempre: ainda com lágrimas nos olhos ouve Jesus chamando-a pelo nome com um tom inconfundível; só ele podia chamá-la assim". Não. As coisas, provavelmente, não ocorreram exatamente assim, mas dificilmente se pode evocar de maneira mais expressiva algo daquilo que estes homens e mulheres vivem quando experimentam novamente Jesus em suas vidas.

Este encontro com Jesus ressuscitado é um dom. Os discípulos não fazem nada para provocá-lo. Os relatos insistem em que, é Jesus quem toma a iniciativa. É ele que se impõe a eles cheio de vida, obrigando-os a sair de sua perplexidade e incredulidade. Os discípulos veem-se surpreendidos quando Jesus se deixa ver no centro daquele grupo de homens atemorizados. Maria Madalena está à procura de um cadáver quando Jesus à chama. Ninguém está esperando Jesus ressuscitado. É ele quem se faz presente em sua vida ultrapassando todas as suas expectativas. Aquilo é uma "graça" de Deus, como dizia Paulo.

Trata-se, de acordo com os relatos, de uma experiência pacificadora que os reconcilia com Jesus. Os discípulos sabem que o abandonaram. Aquela dor que existe em seu coração não é só tristeza pela morte de Jesus; é a tristeza do culpado. No entanto, os relatos não registram nenhuma lembrança de reprimenda ou condenação. O encontro com Jesus é uma experiência de perdão, Põe-se repetidas vezes em seus lábios uma saudação significativa: "A paz esteja convosco". O ressuscitado presenteia-os com a paz e a bênção de Deus e os discípulos sentem-se perdoados e novamente aceitos à comunhão com ele. Jesus continua sendo o mesmo. Essa era a paz que infundia nos enfermos e pecadores quando andava com eles pela Galileia. É este também agora o grande dom que Deus oferece a todos os seus filhos e filhas por meio de Cristo morto e ressuscitado: o perdão, a paz e a ressurreição.

De acordo com os relatos, o encontro com o ressuscitado transforma pela raiz os discípulos. Jesus lhes oferece novamente sua confiança: a infidelidade deles fica curada pelo perdão; eles podem iniciar uma vida nova. Com Jesus tudo é possível. Sua alegria é tanta que não o podem crer. Jesus lhes funde seu alento e os liberta da tristeza, da covardia e dos medos que os paralisam".

Ficou vazio o sepulcro de Jesus?

Todos os evangelistas contam que, no dia seguinte a crucificação, bem cedo, algumas mulheres aproximaram-se do sepulcro onde havia sido depositado o cadáver de Jesus e o encontraram aberto e vazio". Naturalmente ficaram surpresas e assustadas. Segundo o relato, um "anjo" de Deus tirou-as da perplexidade com as seguintes palavras: "Não vos assusteis. Vós buscais Jesus de Nazaré, o crucificado. Ele ressuscitou! Não está aqui. Olhai o lugar onde o puseram. Agora ide dizer a seus discípulos e a Pedro: ele vai diante de vos para a Galileia: ali o vereis"

Trata-se de um relato tardio. As primeiras confissões e hinos litúrgicos que falam da ressurreição de Jesus ou de sua exaltação à vida de Deus não dizem nada do sepulcro vazio. Tampouco Paulo de Tarso menciona este fato em suas cartas. Só se fala do sepulcro vazio a partir dos anos setenta. Tudo parece indicar que não desempenhou uma função significativa no nascimento da fé em Cristo ressuscitado. Só adquiriu importância quando o dado foi integrado em outras tradições que falavam das "aparições" de Jesus ressuscitado.

Não é fácil saber se as coisas aconteceram tal como são descritas nos evangelhos. Para começar, não é fácil saber com certeza como e onde Jesus foi enterrado. Os romanos costumavam deixar os crucificados sobre o patíbulo, abandonados aos cães selvagens e às aves de rapina, para depois lançar seus restos numa fossa comum ou depósito de lixo, sem culto nem honras fúnebres. Esta humilhação final do justificado fazia parte do rito da crucificação. Será que Jesus terminou assim, numa fossa comum onde já estavam apodrecendo muitos outros justificados, expulsos da vida sem honra nenhuma? Historicamente é pouco provável. Segundo uma tradição, Jesus foi enterrado pelas autoridades judaicas que "pediram a Pilatos que o fizesse morrer", e depois "o desceram do madeiro e o puseram num sepulcro". O dado é verossímil. As autoridades de Jerusalém estão preocupadas: vão começar as festas da Páscoa e aqueles corpos que pendem da cruz mancham a terra e contaminam toda a cidade. Jesus e seus dois companheiros devem ser enterrados com pressa, sem cerimônia alguma, antes que comece aquele solene sábado de Páscoa.

Os evangelhos, no entanto, apresentam outra versão. Reconhecem honestamente que não foram seus discípulos que enterraram Jesus: todos haviam fugido para a Galileia. Tampouco as mulheres puderam intervir, embora seguissem o enterro "de longe". Mas houve um homem bom, chamado José de Arimateia, desconhecido pelas fontes até este momento, que pede a Pilatos a devida autorização e pode enterrá-lo "num sepulcro escavado na rocha".

Não deixa de haver pontos obscuros sobre a identidade de José de Arimateia e sua atuação, mas também é possível que as coisas tenham acontecido assim. Sabemos que, ocasionalmente, as autoridades romanas davam sua autorização e permitiam que um crucificado pudesse receber uma sepultura mais digna e respeitável por parte de amigos ou familiares. É difícil saber o que aconteceu. Certamente Jesus não teve um enterro com honras fúnebres. Seus seguidores não estiveram presentes: os varões estavam escondidos, as

mulheres só podiam olhar de longe. Tudo foi muito rápido, pois era necessário acabar antes que chegasse à noite. Não sabemos com certeza se ocuparam dele os soldados romanos ou os servos das autoridades do templo. Não sabemos se Jesus terminou numa vala comum como tantos justificados ou se José de Arimatéia pode fazer algo para enterrá-lo em algum sepulcro dos arredores.

Para muitos investigadores, também não fica totalmente claro se as mulheres encontraram vazio o sepulcro de Jesus. A questão se coloca nestes termos: é uma narração que recolhe a lembrança do que ocorreu ou se trata de uma composição literária que deseja expor de maneira plástica o que todos creem: se Jesus ressuscitou, não se deve procurá-lo no mundo dos mortos? Com certeza, o episódio pode ter ocorrido realmente, e não faltam motivos para afirmá-lo. Torna-se difícil imaginar que se criasse esta história para reforçar com todo o realismo a ressurreição de Jesus, escolhendo como protagonistas precisamente um grupo de mulheres, cujo testemunho era tão pouco valorizado na sociedade judaica: não podia isso induzir a pensar que um fato tão fundamental como a ressurreição de Jesus era um "assunto de mulheres"? Por outro lado, era possível proclamar a ressurreição na cidade de Jerusalém se alguém podia demonstrar que o cadáver de Jesus continuava ali, no seu sepulcro?

Uma leitura atenta do relato permite lê-lo a partir de uma perspectiva que vai além do puramente histórico. Na realidade, o que é decisivo na narração não é o sepulcro vazio, mas a "revelação" que o enviado de Deus faz às mulheres. O relato não parece escrito para apresentar o sepulcro vazio de Jesus como uma prova de sua ressurreição. De fato, o que ele provoca nas mulheres não é fé, e sim medo, tremor e espanto. É a mensagem do anjo que é preciso ouvir e, naturalmente, esta revelação exige fé. Somente quem crê na explicação apresentada pelo enviado de Deus pode descobrir o verdadeiro sentido do sepulcro vazio.

É difícil, portanto, chegar a uma conclusão histórica irrefutável. O que podemos dizer é que o relato não faz senão expor de maneira narrativa o que a primeira e a segunda geração cristã já vêm confessando: "Jesus de Nazaré, o crucificado, foi ressuscitado por Deus". Concretamente, as palavras postas na boca do anjo não fazem senão repetir, quase literalmente, a pregação dos primeiros discípulos. É outra maneira de proclamar a vitória de Deus sobre a morte, sugerindo de maneira expressiva que Deus abriu as portas do sheol para que Jesus, o crucificado, possa escapar ao poder da morte. Mais do que informação histórica, o que encontramos nestes relatos é pregação dos primeiros cristãos sobre a ressurreição de Jesus. Tudo leva a pensar que não foi um sepulcro vazio que provocou a fé em Cristo ressuscitado, mas o "encontro" vivido pelos seguidores, que o experimentaram cheio de vida depois de sua morte.

Por que, então, foi escrito este relato? Alguns pensam que o relato nasceu para explicar a origem de uma celebração cristã que ocorria junto ao sepulcro de Jesus, ao menos uma vez ao ano, e que consistia numa peregrinação que subia até aquele lugar sagrado no dia da Páscoa, ao nascer do sol. O culmen desta celebração pascal era precisamente a leitura deste relato. Aos peregrinos chegados ao sepulcro anunciava-se a Boa Notícia: "Procurais Jesus de Nazaré, o crucificado. Ele ressuscitou. Não está aqui. Vede o lugar onde o puseram". A hipótese é sugestiva e não pode ser descartada. No entanto, é muito difícil demonstrar sua existência[®]. É mais fácil pensar que o relato nasceu em ambientes populares onde se entendia a ressurreição corporal de Jesus de maneira material e física, como continuidade de

seu corpo terreno. Para estes crentes, este relato resultava fascinante. Onde se pode captar melhor a vitória de Deus sobre a morte do que num sepulcro vazio?

Em todo caso, a opinião mais geral é que os dados exegéticos não dirimem as diferentes questões levantadas por este relato. As narrações certamente supõem conhecido o desaparecimento do cadáver. Só assim é pensável a ressurreição na mentalidade bíblica.

O relato do sepulcro vazio, tal como está recolhido no final dos escritos evangélicos, contém uma mensagem de grande importância: é um erro procurar o crucificado num sepulcro vazio; ele não está ali; não pertence ao mundo dos mortos. É um equívoco prestar-lhe homenagens de admiração e reconhecimento por seu passado. Ele ressuscitou. Está mais cheio de vida do que nunca. Continua animando e guiando seus seguidores. É preciso "retornar à Galileia" para seguir seus passos: é preciso viver curando os que sofrem, acolhendo os excluídos, perdoadando os pecadores, defendendo as mulheres e abençoando as crianças; é preciso fazer refeições abertas a todos e entrar nas casas anunciando a paz; é preciso contar parábolas sobre a bondade de Deus e denunciar toda religião que vá contra a felicidade das pessoas; é preciso continuar anunciando que o reino de Deus está próximo. Com Jesus é possível um mundo diferente, mais amável, mais digno e justo. Há esperança para todos: "Retornai à Galileia. Ele irá à vossa frente. Ali o vereis".